

Cães & Gatos

DC7
COMUNICA

Ano 42
nº 322
Jun/2026



MEDICINA VETERINÁRIA

www.caesegatos.com.br

ZOOM

OS IMPACTOS DA
COPA DO MUNDO NO
ESTRESSE DOS PETS

PET BUSINESS

A DIFICULDADE EM
EQUILIBRAR CUSTOS
ACESSÍVEIS COM
PRÁTICA CLÍNICA
VETERINÁRIA DE
QUALIDADE

ENTREVISTA

MÉDICA-VETERINÁRIA
QUE ATUA EM
MIAMI (FL) MOSTRA O
CAMINHO PARA A
VALIDAÇÃO DE
DIPLOMA NOS
ESTADOS UNIDOS

SINAIS QUE VÊM DOS OLHOS

SAÚDE OCULAR POSSUI IMPACTO DIRETO NA QUALIDADE
DE VIDA DE CÃES E GATOS E SEU ACOMPANHAMENTO
DEVE FAZER PARTE DA ROTINA

Elanco

PET BEM PROTEGIDO É PET CREDELI ZADO

Quer deixar seus pacientes bem protegidos contra carrapatos e pulgas?

CREDELIZA ELE!



Lotilaner:
molécula extrapurificada



**100% dos carrapatos e pulgas
eliminados em até 8 horas**



**1 comprimido =
30 dias de proteção**



Credeli™

Conte com os benefícios exclusivos da **família Credeli™** para proteção dos seus pacientes contra carrapatos, pulgas e vermes*.

**TÁ PROTEGIDO,
TÁ CREDELIZADO.**



CARRAPATOS



PULGAS



VERMES

*Credeli™ Cães: carrapatos e pulgas | Credeli™ Gatos: pulgas | Credeli™ Plus: carrapatos, pulgas e vermes intestinais.

Elanco, Credeli™, Credeli™ Plus, Credeli™ Gatos e o logo em barra diagonal são marcas da Elanco e suas afiliadas. Todos os direitos reservados. PM-BR-26-0165



FUNDADOR

Osvaldo Penha Ciasulli (MtB: 32.517)
osvaldo@dc7comunica.com.br

CEO

Diogo Ciasulli
diogo@dc7comunica.com.br

DIRETORA DE NEGÓCIOS

Jaqueline Ridolfi
jaqueline@dc7comunica.com.br

GERENTE DE COMUNICAÇÃO

Danielle Assis (MtB: 83.299)
danielle@dc7comunica.com.br

REPÓRTER WEB

Stéfani Campos Chagas (MtB: 93.684)
stefani@dc7comunica.com.br
Rebecca Vettore (MtB: 81.085)
rebecca@dc7comunica.com.br

EDITOR DE ARTE

Daniel Guedes (MtB: 33.657)
daniel@dc7comunica.com.br

GERENTE ADMINISTRATIVO / RELACIONAMENTO COM CLIENTE

Bianca Fagundes
bianca@dc7comunica.com.br

SOCIAL MEDIA

Brenno Fressatto
brenno@dc7comunica.com.br

MARKETING

Raiane Modesto
raiane@dc7comunica.com.br

ADM/TRÁFEGO

Carolina Baggini
carolina@dc7comunica.com.br

COLABORADORES DESTA EDIÇÃO

Ana Falcão Gierlich, Ana Purchio,
CRMV-SP, Edgard Salomão Júnior,
Erika Pereira, Franciele Pavei,
Gabriela Mura, José Luiz Tejon,
Julyenne Christynne Escrivani Frasnelli,
Monique Paludetti, Raquel Naomi
Tanaka Scaduto, Thais Ximenes
e Vanessa R. Olszewski

CIRCULAÇÃO DIRIGIDA

A Revista Cães&Gatos (ISSN 0103-278X) é uma publicação brasileira e mensal. Seu conteúdo editorial é focado na profissionalização do mercado pet. Os artigos assinados não expressam necessariamente a opinião dos editores. Não é permitida a reprodução parcial ou total dessa publicação, por qualquer meio, sem prévia autorização da editora, sob as penas de Lei registrada no Regime Especial DRT-1 nº 011391/90.

Periodicidade: Mensal



» EDITORIAL

CHEGAMOS AO MEIO DE 2026!

Mais uma edição da Revista Cães&Gatos publicada e com ela novas discussões sobre os temas mais relevantes da Medicina Veterinária atual.

Chegamos ao meio de 2026, um ano que está trazendo transformações importantes no setor e colocando em evidência assuntos que vão além da prática clínica.

A campanha Junho Violeta é o destaque desta edição, pois acende o alerta para as doenças oftálmicas em pets, um órgão ainda deixado de lado por muitos responsáveis. Na matéria de capa, três médicas-veterinárias especializadas em Oftalmologia trouxeram um panorama dos principais desafios da especialidade.

Dentre as raças que mais sofrem com afecções oculares estão as braquicefálicas, como Shih Tzu, Bulldog, Pug e, citando especificamente os felinos, Persa.

Em cães, as enfermidades que prevalecem são úlcera de córnea, uveíte, ceratoconjuntivite seca, catarata e glaucoma. Já em gatos temos, além da uveíte e da úlcera de córnea, a conjuntivite felina e o hifema.

Indo na contramão do que muitos pensam, diferentes condições sistêmicas podem causar riscos aos olhos dos animais. As principais são diabetes, FIV, FeLV, PIF e infecção por herpesvírus felino. No entanto, é preciso desmistificar a ideia de que basta um cão ou gato envelhecer para que as afecções oculares, como a catarata, se desenvolvam e a cegueira seja encarada como algo comum.

Além de falar da saúde dos olhos, neste mês você irá encontrar conteúdos completos sobre validação de diploma nos Estados Unidos, os perigos do inverno para os pets e os impactos da Copa do Mundo no estresse de cães e gatos.

Para completar, acompanhará a cobertura completa de dois grandes eventos do setor: o XXV Congresso CBNA PET e o 45º Congresso Brasileiro Anclivepa (CBA).

Boa leitura!

Jaqueline Ridolfi
Diretora Comercial e
Editorial



» NO MIOLO

| PETBUSINESS

10 • CUSTO DOS PETS

Os desafios para equilibrar prática clínica de qualidade com valores acessíveis

| ZOOM

18 • COPA DO MUNDO

Alegria para uns, estresse para outros

| VETERIANÊS

22 • JUNHO VIOLETA

Sinais que vêm dos olhos

32 • INVERNO

Termômetro em queda, atenção em alta

| RADAR PET

13 • EVENTO PARA PROFISSIONAIS

7º Encontro Vetnil® de Residentes em Medicina Veterinária

27 • LABYES

Colírio veterinário alia ação antibiótica e suporte à cicatrização ocular

30 • VETNIL

Cardiologia veterinária ganha novo aliado

46 • FARMINA

Snacks que unem cuidado com a saúde bucal e nutrição para cães

| SEÇÕES

- » Editorial **3**
- » On-line **6**
- » Boletim Paulista **8**
- » Guia Jurídico **45**
- » Mercado **55**
- » Tejon **57**

| OUTROS AUTORES

28 • INTENSIVISMO

Reconhecendo a sepse na prática clínica

36 • FELINOS

Quando as fezes ditam comportamentos – Parte II

40 • ADIMAX

Estratégias nutricionais para promover longevidade e qualidade de vida

42 • NUTRIÇÃO

Proteína de frango – vilã para a pele?

52 • PET SILVESTRE

O impacto da soltura de animais exóticos na natureza

| PETFOOD

48 • FARINHA DE VÍSCERAS

União entre alto valor nutricional e sustentabilidade

50 • BESTMIX

Companhia aposta em tecnologia e gestão de dados para pet food brasileiro

| COBERTURA

54 • CBNA PET 2026

Nutrição de cães e gatos em destaque

56 • CBA GOIÂNIA

Especialidades reunidas em um só lugar!

| PONTO FINAL

58 • IMPASSE NA CÂMARA DOS DEPUTADOS

Novo piso salarial em espera

ENTREVISTA

MARIANA ARAÚJO

Médica-veterinária que atua em Miami (FL) mostra o caminho para a validação de diploma nos Estados Unidos



Notícia boa para o
ouvido de muita gente.
E de muitos cães.

Neptra™ é o tratamento inovador e revolucionário
em só uma dose para otite externa canina.

Só
uma
dose.



- Só uma dose por tratamento.
- Sem estresse para o animal.
- O tratamento de 1ª escolha do médico-veterinário.
- Eficácia e segurança.
- Maior conveniência e adesão ao tratamento.

ALIADOS DA DERMATOLOGIA ELANCO

NA ELANCO, INOVAÇÃO É SINÔNIMO DE BEM-ESTAR.

Por isso, reúne ciência, tecnologia e inovação para oferecer soluções que devolvem o conforto, a tranquilidade e o brilho para o seu paciente.

Zenrelia® NEPTRA Surosolve PANOLOG Credeli® Credeli Gatos PLUS Seresto

Elanco, Neptra™ e o logo em barra diagonal são marcas da Elanco e suas afiliadas. Todos os direitos reservados. PM-BR-26-0492.



Acesse:
ElancoVets
.com.br

Saiba mais sobre Neptra™
e o portfólio completo
Elanco pelo QR Code.

CIÊNCIA, MERCADO E COMPORTAMENTO: OS TEMAS QUE CONDUZIRAM MAIO NO UNIVERSO PET

MAIO reuniu pautas voltadas à conscientização, saúde animal, comportamento e tendências do mercado pet. Durante o período, o portal **Cães&Gatos** acompanhou assuntos relevantes para profissionais e responsáveis, ampliando debates sobre prevenção, bem-estar e inovação.

Entre as campanhas e datas comemorativas estiveram conteúdos relacionados ao Maio Amarelo, voltado à conscientização sobre doenças renais e orais em pets, somado a pautas sobre o Dia do Zootecnista, o Dia das Espécies

Ameaçadas e o Dia Nacional da Adoção.

O mês também trouxe reflexões sobre comportamento e transformações do universo pet, com destaque para conteúdos a respeito de medicamentos veterinários falsificados, imunoterapia em pets, proteínas alternativas no Brasil e tendências de consumo.

Outro destaque do período foram as discussões sobre os novos caminhos da Medicina Veterinária e as mudanças no comportamento do mercado pet, assuntos cada vez mais presentes entre empresas, especialistas e profissionais da área.

Na agenda de eventos, o portal acompanhou o Congresso CBNA Pet 2026 e o 45º Congresso Brasileiro da Anclivepa (CBA), importantes encontros do calendário pet nacional voltados à nutrição, saúde animal, inovação e mercado veterinário.

Mais do que acompanhar congressos e novidades, o período reforçou o compromisso da **Cães&Gatos** em conectar informação, ciência e mercado em conteúdos voltados ao bem-estar animal e à rotina de responsáveis e profissionais.

Entre os conteúdos que mais engajaram os leitores em maio, destacam-se:

1 AVE "ABRAÇA" BOMBEIRO APÓS RESGATE E CENA EMOCIONA NO INTERIOR DE SÃO PAULO

Animal preso em fios de pipa em Presidente Prudente (SP) é salvo pelo Corpo de Bombeiros após o alerta de uma moradora e surpreende a equipe ao retornar para o profissional em um gesto emocionante de gratidão antes de voar para longe sem nenhum ferimento.



2 FOTÓGRAFO REGISTRA GATOS DE RUA NO JAPÃO E TRANSFORMA CENAS COTIDIANAS EM SUCESSO GLOBAL

Há mais de doze anos o japonês Masayuki Oki registra a rotina dos felinos urbanos em Tóquio e nas "ilhas de gatos", transformando cenas simples em imagens cheias de humor e espontaneidade que revelam a personalidade destes animais e se tornaram um sucesso global nas redes sociais.



3 UNIÃO EUROPEIA APROVA REGRAS QUE PROÍBEM CRIAÇÃO DE RAÇAS COM PROBLEMAS DE SAÚDE E AMPLIA CONTROLE SOBRE CÃES E GATOS

As novas regras aprovadas pela União Europeia proíbem a reprodução de animais com mutações genéticas prejudiciais e impõem controles mais rigorosos sobre a criação comercial. O objetivo da medida é combater o sofrimento de raças extremas e travar o comércio ilegal de cães e gatos.



SUPLEMENTAR NUNCA FOI TÃO FÁCIL!



TABLETES MASTIGÁVEIS ALIVIRA PET

- Altamente **palatável**
- **Fácil** administração
- Formulado para **uso diário**
- **Dosagem adequada** por peso do animal

Os produtos Alivira Pet que você
já conhece, agora também na
versão mastigável!



Relatório de Gestão 2025

O CRMV-SP publicou a edição 2025 do Relatório de Gestão, documento elaborado em conformidade com a Constituição Federal e as normas do Tribunal de Contas da União (TCU). O material reforça o compromisso da autarquia com a transparência, a boa governança e a prestação de contas à sociedade, além de apresentar os principais resultados, desafios e avanços institucionais alcançados ao longo do ano. Entre os destaques do período estão o fortalecimento da fiscalização integrada a ações educativas, investimentos na qualificação técnica das equipes e o reconhecimento nacional nas áreas de fiscalização e transparência. O relatório também

evidencia avanços estruturais e estratégicos voltados ao fortalecimento do Conselho como órgão de Estado, com foco na orientação profissional, na proteção da sociedade e na ampliação do diálogo com médicos-veterinários, zootecnistas e instituições de ensino, especialmente em temas relacionados ao conceito de Uma Só Saúde. O documento está disponível no site: www.crmvsp.gov.br.



Saúde mental do Zootecnista

DANDO continuidade às ações em celebração ao mês do zootecnista, o CRMV-SP lançou a primeira pesquisa nacional sobre saúde mental e condições de trabalho na Zootecnia. A iniciativa busca mapear os impactos da rotina profissional no bem-estar dos zootecnistas e subsidiar ações voltadas à melhoria das condições de trabalho e à valorização da categoria. Voltada a profissionais de todo o País, a pesquisa é realizada por meio de questionário on-line com respostas anônimas. O levantamento reúne informações sobre rotina de trabalho, fatores de estresse e aspectos relacionados à saúde mental, contribuindo para um diagnóstico mais preciso da realidade

da profissão. A iniciativa considera os desafios enfrentados pelos zootecnistas em diferentes áreas de atuação, marcadas por alta exigência técnica, responsabilidades constantes e múltiplas demandas profissionais. O link para a pesquisa está disponível no site do Regional: www.crmvsp.gov.br.



60 anos da Zootecnia

EM CELEBRAÇÃO ao mês do Zootecnista e aos 60 anos da Zootecnia no Brasil, o CRMV-SP promoveu uma série de ações voltadas à valorização da profissão. Entre elas, o Regional lançou a série "Talk Zoo", composta por entrevistas que abordaram os avanços da Zootecnia na produção animal, com destaque para áreas como nutrição, manejo, bem-estar animal, sustentabilidade e inovação no campo. Também foram discutidos os impactos da tecnologia no setor, a necessidade de atualização constante dos profissionais e os desafios da carreira no cenário atual. Todos os episódios estão disponíveis no Instagram oficial do CRMV-SP. Com o mesmo propósito, o Conselho realizou o evento online "Zootecnia na Vanguarda da Produção Animal", que reuniu especialistas para debater temas como inteligência artificial no campo e integridade atlética dos cavalos no esporte equestre.



A íntegra do evento será disponibilizada no canal oficial do Regional no YouTube.



Termo de cooperação

O CRMV-SP iniciou tratativas com o Ministério Público do Estado de São Paulo (MP-SP) para a formalização de um termo de cooperação institucional. A iniciativa contou com a participação da diretoria executiva do Conselho, em conjunto com as Comissões de Representantes Regionais e de Políticas Públicas,

e representa o fortalecimento de uma parceria já existente entre as instituições. O termo de cooperação tem como objetivo formalizar a união de esforços em torno de ações conjuntas de interesse público, promovendo maior integração, coordenação e efetividade nas iniciativas voltadas à proteção da sociedade e ao fortalecimento da Medicina Veterinária. A medida consolida uma atuação conjunta já em curso, alinhada aos princípios de responsabilidade institucional e interesse coletivo.

Ações conjuntas

TRÊS AÇÕES de fiscalização realizadas em abril – duas na capital paulista e uma em Jardinópolis, interior de São Paulo – mobilizaram o CRMV-SP, a Vigilância Sanitária e forças de segurança em operações que resultaram em autuações, interdição de atividades

irregulares, apreensão de animais e encaminhamento para acolhimento. As ações investigaram denúncias de exercício ilegal da Medicina Veterinária, funcionamento irregular de estabelecimento veterinário, mutirão de castração inadequado e manutenção de canil clandestino.

Entre as irregularidades identificadas estavam ausência de responsável técnico (RT), falta de registro, inexistência de estrutura mínima para atendimento, falhas nas boas práticas profissionais, ausência de licença sanitária

e armazenamento inadequado de medicamentos controlados. Em uma das fiscalizações, também foram encontradas fichas anestésicas assinadas por um suspeito que se apresentava como médico-veterinário. As operações reforçam a importância da atuação integrada entre os órgãos envolvidos para ampliar a efetividade da fiscalização, proteger o bem-estar animal e preservar a saúde pública.

Febre amarela

A CONFIRMAÇÃO de novos casos de febre amarela no interior paulista voltou a acender o alerta das autoridades sanitárias no estado de São Paulo, especialmente nas regiões de Taubaté e Sorocaba. Segundo boletim epidemiológico divulgado pela Secretaria de Estado da

Saúde em abril de 2026, foram registrados sete casos autóctones no atual período de monitoramento, iniciado em julho de 2025, além de três mortes confirmadas. Todos os pacientes infectados não haviam sido vacinados contra a doença.

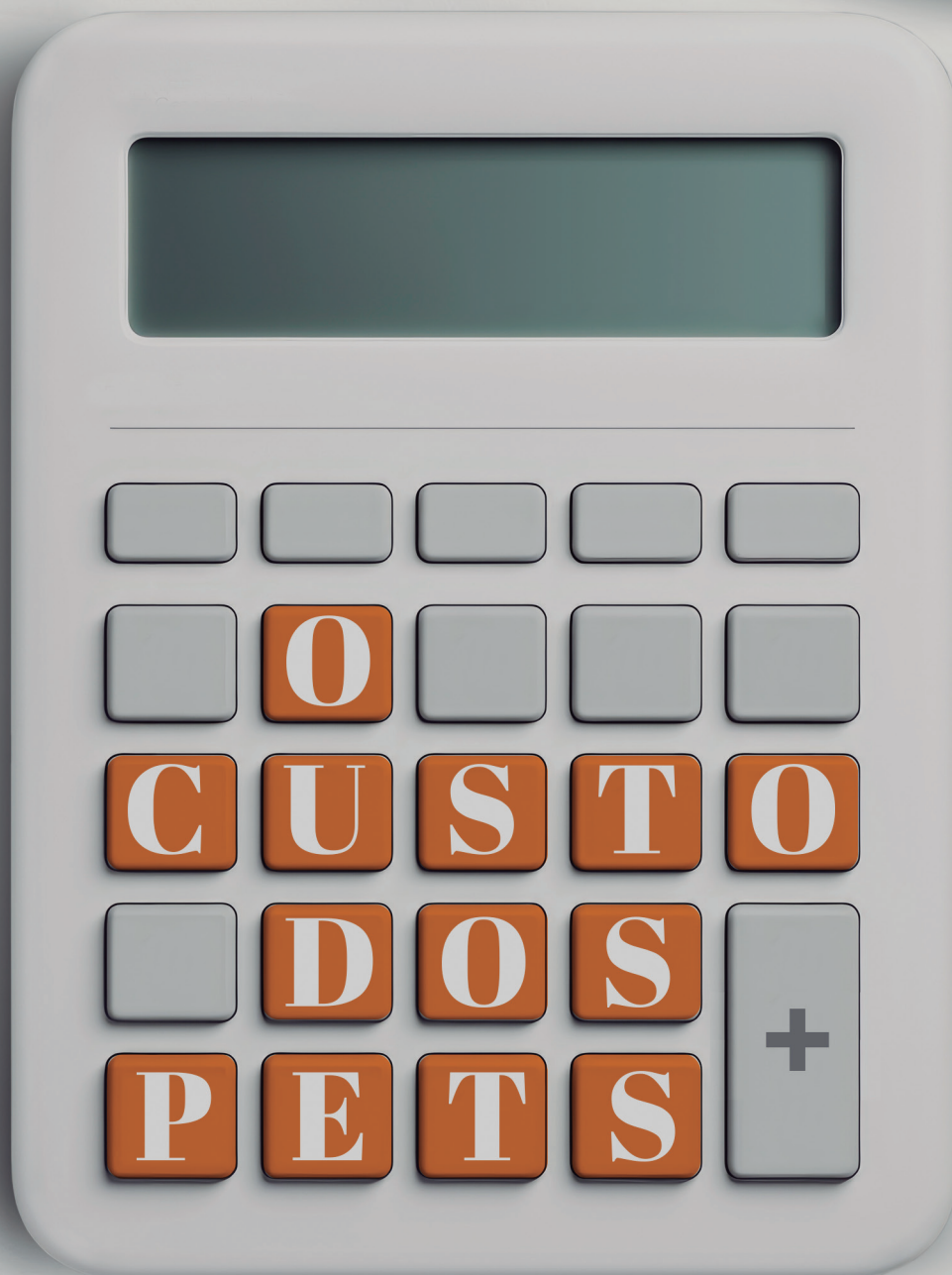
O avanço dos registros reforça a importância da vigilância epidemiológica e do monitoramento de primatas não humanos, considerados fundamentais para

a detecção precoce da circulação viral. Esses animais atuam como sentinelas da doença, permitindo a adoção antecipada de medidas preventivas antes da ocorrência de surtos em humanos. Até abril de 2026, os casos foram identificados nos municípios de Cruzeiro, Lagoinha, Araçatuba e Cunha, abrangendo áreas dos Grupos de Vigilância Epidemiológica (GVE) de Taubaté e Sorocaba.

Articulação política

O CRMV-SP, em articulação com o senador Alexandre Giordano, manifestou apoio ao Projeto de Lei nº 4560/2025, aprovado na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) do Senado, que prevê a criminalização do exercício ilegal da Medicina Veterinária. A proposta representa um avanço relevante para a proteção da saúde pública, do bem-estar animal e da sociedade, além de reforçar a valorização da atuação profissional.

A criminalização do exercício ilegal já é prevista em áreas como Medicina, Farmácia e Odontologia, e passa a avançar também para a Medicina Veterinária. O projeto segue para votação no plenário do Senado, e o CRMV-SP continuará acompanhando sua tramitação, atuando de forma permanente na defesa da profissão e do exercício ético e legal da atividade veterinária.



COM A MEDICINA VETERINÁRIA CADA VEZ MAIS AVANÇADA,
O PRINCIPAL DESAFIO DO SETOR É OFERECER PRODUTOS
E SERVIÇOS DE QUALIDADE **COMBINADOS COM A**
REALIDADE FINANCEIRA DAS FAMÍLIAS

► DANIELLE ASSIS

danielle@dc7comunica.com.br

há alguns anos existe um debate acerca da relação mais próxima entre as pessoas e seus animais de estimação. Esse movimento não apenas mudou a forma como humanos se relacionam com pets, como também tem influência direta na economia e nos avanços pelo qual passou e está passando a Medicina Veterinária.

Um estudo recém divulgado pela empresa de consultoria CVA Solutions apontou que, atualmente, os brasileiros destinam, em média, 8% do orçamento familiar mensal aos animais de estimação.

Com base nisso, o gasto médio mensal com cães chega a R\$690, enquanto os custos com gatos giram em torno de R\$574 por mês. Dados da Associação Brasileira do Setor de Animais de Estimação (Abempet) corroboram com esse cenário.

Conforme divulgado pela associação, os cães representam um custo mensal que varia entre R\$370 e R\$700 reais, dependendo do porte e raça. Os gastos com os felinos ficam em torno de R\$280,00 por animal. Já peixes, pequenos répteis, pequenos mamíferos e aves possuem um custo por mês muito variável, podendo até ultrapassar os das duas principais categorias de pets.

Com base nisso, Caio Villela, CEO da Abempet, relata que os investimentos com os animais de estimação vêm se consolidando ao longo dos últimos anos.

“Tivemos um movimento forte a partir de 2020, no qual os gastos com alimentação, acessórios e saúde se tornaram parte do orçamento familiar. Hoje, graças à gama muito maior de produtos e serviços, o setor atende todos os bolsos e gostos e os responsáveis buscam oferecer o que há de melhor dentro do orçamento familiar para dar conforto e qualidade de vida aos seus pets”, comenta.

Mesmo em meio às instabilidades econômicas pelas quais o Brasil vem passando, ainda assim não são vistas mudanças concretas na rotina de cuidados com cães e gatos. O profissional afirma

que, na realidade, os responsáveis por pets têm se tornado cada vez mais criteriosos e atentos a saúde e bem-estar dos seus companheiros, oferecendo desde produtos essenciais, como os voltados para alimentação, higiene e saúde, até serviços que estão ganhando espaço, como os de creches, dog walker e cat sitter.

ALIMENTAÇÃO DETÉM A MAIOR FATIA.

Dentre os principais gastos com pets, a alimentação continua representando a principal fatia do orçamento, visto que muitos responsáveis sabem da sua relevância para a longevidade e qualidade de vida. “Os responsáveis buscam por alimentos de qualidade e seguros. Por isso, o pet food possui a maior fatia no faturamento do setor e é destaque quando falamos em tecnologia, inovação e qualidade internacionalmente reconhecida”, pontua Caio.

No entanto, apesar do maior volume de dinheiro estar concentrado na alimentação, os serviços veterinários estão ganhando espaço e se destacando nos últimos anos, principalmente devido a maior adesão dos responsáveis aos produtos e cuidados oferecidos.

“Em percentual, cerca de 37% dos gastos deveriam ser destinados a saúde dos pets, considerando um cenário ideal de vacinação, vermifugação, banho e tosa, e, ao menos, uma consulta anual com o veterinário”, analisa o CEO da Abempet.

Ainda de acordo com ele, atualmente, os serviços veterinários estão passando por uma transformação importante que engloba, por exemplo, novas tecnologias e medicamentos, aumento na quantidade de hospitais e clínicas veterinárias e até planos de saúde.

CORTES DE CUSTOS E IMPACTOS NO SETOR.

Frete a desafios financeiros, o setor de serviços ainda é o que mais sofre quando se fala em cuidado com os animais de estimação. “Serviços é o pilar mais vulnerável do nosso setor. Por mais que as restrições financeiras afetem o

setor como um todo, nota-se que o alimento pet se fortaleceu e se mantém como ponto focal mesmo nas situações de aperto financeiro”, explica Villela.

Inclusive, o endividamento das famílias, o aumento nos custos de produção e a alta tributação são desafios que atingem todo o setor pet. Dessa forma, o impasse atual é continuar buscando por uma economia estável, com políticas de menor tributação e custo de produção. “Com essa lição de casa bem-feita, o setor tende a se expandir ainda mais”, afirma.

Além disso, em sua maioria, os animais de estimação estão concentrados nas famílias de renda baixa ou média. Para o profissional, esse perfil financeiro é atraído por linhas de produtos e serviços mais acessíveis e populares.

“Eles são, em muitos casos, a porta de entrada para um universo de produtos e serviços que atende todos os perfis econômicos e que, existindo fôlego financeiro, recebe a atenção dos responsáveis pelos pets na utilização de opções com maior valor agregado”, diz.

O PREÇO DA SAÚDE ANIMAL. A transformação pela qual a Medicina Veterinária passou na última década é visível. Nos últimos anos pôde-se perceber uma profissionalização maior no setor, impulsionada pelo avanço tecnológico, crescimento das especialidades e maior exigência dos responsáveis em relação à qualidade do atendimento.

“Hoje falamos de hospitais veterinários com tomografia, ressonância, UTI, hemodiálise, setor de Oncologia avançada e equipes multidisciplinares, algo que há alguns anos era muito restrito”, afirma André Augusto Botêga, médico-veterinário e head administrativo do Grupo Pet Care.

Mais do que a busca por uma maior profissionalização, esse movimento foi impulsionado pelo maior vínculo emocional entre famílias e pets. André conta que, atualmente, muitas pessoas enxergam seus animais de estimação como filhos, »

o que amplia a busca por tratamentos mais sofisticados e prolongados. No entanto, para ele, o grande desafio do setor é, justamente, equilibrar essa evolução técnica com acessibilidade financeira.

Inclusive, o custo é algo que influencia diretamente os níveis e possibilidades de cuidados com cães e gatos. Porém, não deve significar diferença de atendimento ou ética médica.

“O que muda, muitas vezes, é o caminho terapêutico possível dentro da realidade de cada responsável. Casos oncológicos são bons exemplos. Dois pacientes podem ter exatamente o mesmo diagnóstico, mas enquanto uma família consegue avançar para cirurgia, quimioterapia e acompanhamento especializado, outra talvez precise optar por um protocolo paliativo focado em conforto e qualidade de vida”, analisa o médico-veterinário.

Em casos como esse, para evitar problemas, o mais importante é garantir uma comunicação transparente e acolhimento, para que o responsável participe ativamente da tomada de decisão sem se sentir julgado.

NÍVEIS DA MEDICINA VETERINÁRIA. Com um setor tão amplo e diversificado não é errado afirmar que existem diferentes níveis dentro da Medicina Veterinária. Da mesma forma que há clínicas focadas em atendimentos primários e preventivos, também são vistos hospitais veterinários de alta complexidade que funcionam praticamente como os voltados para o cuidado com humanos.

Segundo Botêga, uma clínica de bairro pode atender consultas, vacinação e casos de baixa complexidade com excelência. Já um hospital de alta complexidade consegue manter um paciente em ventilação mecânica, realizar transfusão sanguínea, tomografia computadorizada e cirurgias neurológicas de emergência.

“Outro ponto importante é que esses níveis, muitas vezes, se complementam. Um animal pode iniciar o atendimento em uma clínica primária e ser encaminhado para um hospital especializado apenas quando necessário. Isso ajuda a construir uma rede de cuidado mais eficiente”, pontua.

Inclusive, o custo do atendimento veterinário atualmente é resultado de uma combinação de fatores es-



Caio Villela é CEO da Associação Brasileira do Setor de Animais de Estimação (Abempet)

truturais, tecnológicos e operacionais.

O profissional relata que, muitas vezes, o responsável enxerga apenas o valor final de uma consulta, exame ou internação, mas por trás daquele atendimento existe uma estrutura extremamente complexa funcionando de forma contínua.

Para ele, um dos principais fatores relacionados a isso é o avanço tecnológico da Medicina Veterinária, que gera custos operacionais altos para as clínicas e hospitais. Outro aspecto importante destacado é o crescimento das especialidades veterinárias.

“Hoje existem oncologistas, intensivistas, anestesiologistas, cardiologistas e diversos outros especialistas atuando de maneira muito semelhante à Medicina humana. Isso exige anos de formação, atualização contínua e retenção de profissionais altamente qualificados”, cita.

Além disso, mais um fator fundamental é a mudança no perfil dos próprios responsáveis, visto que existe uma demanda muito maior por Medicina avançada, diagnósticos rápidos e tratamentos especializados. Consequentemente, se paga mais para ter acesso a eles.

“O grande desafio do setor atualmente é, justamente, equilibrar excelência técnica, sustentabilidade operacional e acessibilidade. A Medicina Veterinária evoluiu muito rapidamente nos últimos anos, e o mercado ainda busca formas de tornar essa evolução cada vez mais acessível para um número maior de famílias”, afirma.



André Augusto Botêga é médico-veterinário e head administrativo do Grupo Pet Care

A DIFICULDADE EM EQUILIBRAR OS “PRATOS”. Com tantos avanços, o principal desafio é conseguir equilibrar uma demanda cada vez maior por excelência com custos operacionais elevados.

Para o head administrativo do Grupo Pet Care, esse talvez seja um dos maiores impasses emocionais, éticos e humanos da Medicina Veterinária moderna.

No dia a dia, o médico-veterinário e a equipe hospitalar sempre desejam oferecer o tratamento mais completo e com maior chance de sucesso possível. Porém, na prática, existe uma limitação financeira que impede que todas as opções terapêuticas sejam executadas.

“E esse é um ponto muito delicado porque, diferente da Medicina humana onde, muitas vezes, existe cobertura pública ou ampla variedade de convênios, na Medicina Veterinária grande parte dos custos ainda é assumida diretamente pelas famílias”, esclarece.

Esse cenário não apenas gera um impacto emocional nos profissionais da área, como também nos responsáveis pelos animais de estimação. O veterinário comenta que muitos responsáveis se sentem extremamente culpados por não conseguirem oferecer o tratamento “ideal” ou mais avançado disponível.

“Na prática, o que buscamos é construir Medicina individualizada e responsável. Nem sempre o melhor tratamento é simplesmente o mais caro; muitas vezes é o mais viável, seguro e coerente dentro daquela realidade específica. O

hospital precisa ajudar a família a entender prioridades terapêuticas, prognóstico, riscos e possibilidades reais”, explica.

O PESO DO CUSTO. Mesmo com tecnologias avançadas e múltiplas possibilidades de tratamento, sabe-se que nem sempre será possível executar o cuidado da forma mais adequada. O principal motivo para isso é o custo.

Hoje, é preciso que os hospitais veterinários estruturem seus serviços de maneira mais estratégica e segmentada do que no passado, justamente porque o perfil dos responsáveis, o nível de exigência e a complexidade da Medicina Veterinária evoluíram muito.

“Não existe mais um único modelo de atendimento capaz de atender todas as necessidades. Dentro do mesmo hospital convivem diferentes perfis de clientes: desde os que buscam Medicina preventiva e acompanhamento básico, até famílias que procuram tratamentos altamente especializados, internações complexas ou terapias de longa duração”, afirma André.

Segundo o profissional, além da estrutura médica, há também uma organização operacional voltada para diferentes necessidades financeiras e perfis de consumo. Por isso que atualmente muitos hospitais trabalham com programas preventivos, planos de saúde, pacotes assistenciais e linhas de acompanhamento contínuo, que ajudam a deixar o cuidado mais previsível financeiramente para as famílias. Desse modo, uma das estratégias para tornar a Medicina Veterinária mais sustentável é o ganho de eficiência operacional sem comprometer a qualidade assistencial.

Hospitais veterinários possuem custos fixos elevados, como equipes 24 horas, equipamentos de alta tecnologia, medicamentos caros e estruturas de internação intensiva. “O objetivo não é reduzir qualidade, mas operar de maneira mais eficiente e sustentável para conseguir manter estruturas de alta complexidade acessíveis e viáveis no longo prazo”, analisa o médico-veterinário.

Para ele, no fim, a Medicina Veterinária vive diariamente um equilíbrio entre excelência médica, bem-estar animal e realidade financeira. “Talvez esse seja um dos pontos mais difíceis e sensíveis da profissão atualmente”, finaliza. ▀

7º ENCONTRO VETNIL® DE RESIDENTES EM MEDICINA VETERINÁRIA

Nos dias 14, 15 e 16 de setembro, a Vetnil® promove no Itu Plaza Hotel, situado em Itu (SP), o 7º Encontro Vetnil® de Residentes em Medicina Veterinária.

Em formato presencial e gratuito, o evento reúne residentes do Brasil e países da América Latina - das áreas de pequenos animais e equinos - para uma imersão em conteúdos técnicos atualizados e temas de mercado.

O objetivo do encontro é fortalecer o desenvolvimento técnico e a formação dos novos profis-

sionais da Medicina Veterinária.

Na última edição, realizada em 2024, o evento contou com mais de 600 participantes. De acordo com Cristiano de Sá, diretor de marketing e novos negócios da Vetnil®, o Encontro de Residentes reforça o compromisso da companhia com o avanço do setor e a capacitação de novos profissionais.

Os interessados em participar devem realizar a inscrição diretamente pelo site www.encontroresidentesvetnil.com.br. As vagas são limitadas. ▀



**Encontro Vetnil
de Residentes em
Medicina Veterinária**



MEDICINA VETERINÁRIA ALÉM DAS FRONTEIRAS

EXERCER A PROFISSÃO FORA DO BRASIL É POSSÍVEL, INCLUSIVE PARA QUEM TEM O “SONHO AMERICANO”

» DANIELLE ASSIS

danielle@dc7comunica.com.br

Por mais que existam muitas oportunidades de atuar como médico-veterinário no Brasil, há profissionais que querem romper as barreiras territoriais e construir uma carreira em outros países.

Os Estados Unidos ainda permanecem entre os territórios estrangeiros mais buscados por brasileiros, mesmo que a Europa também faça parte da lista de possibilidades para muitas pessoas.

Contudo, para poder exercer a Medicina Veterinária nos EUA é necessário validar o diploma. Esse processo está longe de ser simples, mas também não é impossível. Além do inglês fluente, que é indispensável, algumas provas devem ser realizadas. Essas avaliações têm como finalidade definir se o profissional, realmente, possui a expertise necessária para praticar a Medicina Veterinária no país.

Para entender um pouco mais sobre todo o processo de validação de diploma nos Estados Unidos conversamos com exclusividade com Mariana Araújo,

médica-veterinária com residência em clínica médica de pequenos animais.

Mariana já passou pela validação do diploma nos EUA e hoje atua como veterinária em Miami, na Flórida, além de auxiliar outros profissionais a conseguirem exercer a profissão não apenas nos Estados Unidos, como também no Canadá.

Cães&Gatos - Como surgiu o desejo de validar o diploma nos Estados Unidos e trabalhar no país?

Mariana Araújo - Minha trajetória começou no Brasil, onde me formei em Medicina Veterinária pela Universidade Metropolitana de Santos (UNIMES) em 2014. Em 2018, mudei para os Estados Unidos, inicialmente, com o objetivo de aprender inglês. Fiquei estudando inglês por cerca de dois anos e, durante esse caminho, meus planos acabaram mudando. Nesse período iniciei o processo migratório por habilidades especiais e enquanto aguardava o andamento do processo comecei a trabalhar em hospitais veterinários de pequenos animais como veterinary technician. Justamente convivendo

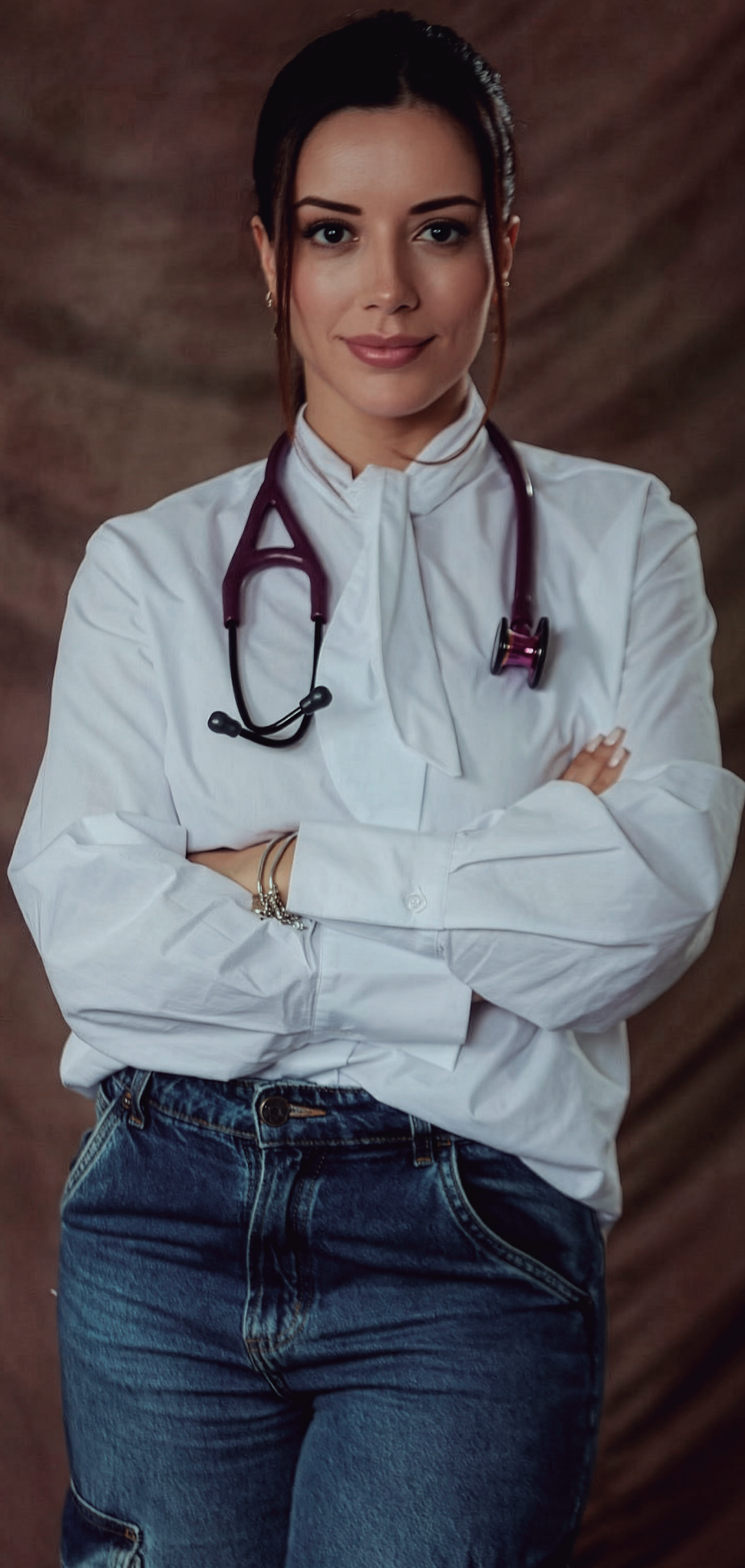
com veterinários americanos e estrangeiros que já haviam passado pela validação, comecei a entender melhor como funcionava todo o processo de validação do diploma nos EUA. Foi então que no início de 2023 que decidi validar meu diploma nos Estados Unidos.

Hoje você mora nos Estados Unidos? Em qual cidade e com qual área trabalha?

Atualmente moro em Miami, na Flórida. Minha trajetória profissional é voltada, principalmente, para a área de pequenos animais, com foco em clínica, cirurgia e anestesia, além de atuar com educação e mentoria para veterinários internacionais que estão passando pelo processo de validação do diploma nos Estados Unidos e no Canadá.

Há quanto tempo realizou a validação do diploma nos Estados Unidos?

Finalizei o processo de validação através do Educational Commission for Foreign Veterinary Graduates (ECFVG) em agosto de 2024, após passar por todas as etapas exigidas, incluindo análise de documentação,



proficiência em inglês, Basic and Clinical Sciences Examination (BCSE) e o Clinical Proficiency Examination, que é a etapa prática do processo.

Quais são os pré-requisitos para conseguir validar o diploma de médico-veterinário nos EUA?

Para veterinários formados fora de faculdades acreditadas pela American Veterinary Medical Association (AVMA), os caminhos mais comuns são o ECFVG, da AVMA, e o International Pathway for Veterinarians (PAVE), da American Association of Veterinary State Boards (AAVSB). No caso do ECFVG, o candidato precisa passar por algumas etapas obrigatórias, incluindo comprovação da graduação e documentação acadêmica, exame de proficiência em inglês e aprovação no BCSE e no CPE, que é a etapa prática e clínica do processo. Além disso, para obter a licença profissional e atuar como médico-veterinário nos Estados Unidos também é necessário realizar o North American Veterinary Licensing Examination (NAVLE) e cumprir as exigências específicas do estado onde pretende trabalhar, já que cada estado possui seu próprio processo de licenciamento.

Quanto tempo, em média, demora esse processo de validação?

O tempo pode variar bastante. Em média, o processo costuma levar entre dois e cinco anos, dependendo do ritmo de estudo, aprovação nas provas, organização da documentação, disponibilidade de vagas para os exames (especialmente o CPE) e da realidade pessoal e financeira de cada candidato. Algumas pessoas conseguem concluir em menos tempo, enquanto outras acabam levando mais anos por conta da dificuldade das provas e da logística envolvida. No meu caso, consegui finalizar o processo em aproximadamente um ano e oito meses.

Quais são os principais custos para validar o diploma no país?

Os principais custos envolvem inscrição no programa de validação, traduções juramentadas, envio de documentos, prova de proficiência em inglês, BCSE, CPE, NAVLE, além de viagens, hospedagem e taxas estaduais de licença. O processo acaba exigindo um »

investimento financeiro significativo, principalmente por envolver múltiplas provas e, muitas vezes, deslocamentos para outros estados ou até países para realização dos exames, se estiver validando fora dos EUA.

Há diferenças de valores conforme o estado para o qual foi realizada a aplicação? Sim. As diferenças de valores acontecem apenas na última etapa do processo, quando o veterinário solicita a licença profissional no local onde deseja atuar, visto que cada estado possui seu próprio veterinary board com taxas e possíveis exigências adicionais específicas.

Quais os principais desafios encontrados durante o processo de validação? No meu caso, o maior desafio inicialmente foi desenvolver o inglês até me sentir realmente apta a começar o processo. Além disso, a quantidade de conteúdo para estudar é muito grande, exigindo bastante disciplina, organização e constância. Outro ponto importante é o comprometimento financeiro e psicológico necessário para conseguir se manter motivado ao longo de todas as etapas, principalmente nos momentos mais difíceis e de insegurança.

Quais as principais provas a serem realizadas para a validação? No processo ECFVG as principais etapas incluem o exame de proficiência em inglês, o BCSE e o CPE, que correspondem à etapa prática e clínica do processo. Além disso, também é obrigatório realizar o NAVLE, exame nacional de licenciamento veterinário exigido para atuação profissional nos Estados Unidos e no Canadá. Após a aprovação no BCSE, a ordem entre o CPE e o NAVLE pode variar conforme a estratégia e o planejamento do candidato.

É necessário realizar o exame de proficiência em inglês para validar o diploma? Sim. No ECFVG a proficiência em inglês é uma das etapas obrigatórias. O candidato precisa comprovar habilidade no idioma através de exames aceitos pelo programa, conforme as regras atualizadas da AVMA. Além disso, sem a aprovação no exame de inglês o candidato não



conseguir avançar para as próximas etapas do processo, incluindo as provas veterinárias, como o BCSE e o CPE.

O que é o exame NAVLE? Quem precisa realizar a prova e o que cai nela? O NAVLE é o exame nacional de licenciamento veterinário da América do Norte. Ele é exigido para veterinários que desejam obter licença para exercer a profissão nos Estados Unidos ou no Canadá. Costumo comparar o NAVLE com a OAB no Brasil: sem aprovação no exame, o veterinário não consegue obter a licença profissional para atuar no país. A prova avalia conhecimentos clínicos e raciocínio veterinário em diversas áreas e espécies, incluindo pequenos animais, equinos, bovinos, animais de produção, exóticos, aves, medicina preventiva, saúde pública, ética profissional, diagnóstico, tratamento e tomada de decisão clínica.

Como saber se a universidade de formação é reconhecida nos Estados Unidos? O candidato deve consultar o diretório oficial da AVMA. A AVMA mantém uma lista de faculdades veterinárias acreditadas e um diretório de faculdades listadas para fins de elegibilidade ao ECFVG.

Quais as principais vantagens em validar o diploma nos EUA? A principal vantagem é poder exercer legalmente a Medicina Veterinária nos Estados Unidos com maior reconhecimento profissional, acesso a melhores oportunidades, salários competitivos, possibilidade de crescimento na carreira e atuação em diferentes áreas, como clínica, emergência, especialidades, indústria, pesquisa e ensino.

Existem boas oportunidades de trabalho para médicos-veterinários nos Estados Unidos? Sim. Os Estados Unidos são considerados um dos países que melhor remuneram médicos-veterinários no mundo, principalmente em áreas como pequenos animais, emergência e especialidades. Além dos salários mais altos, também existem muitas oportunidades de crescimento profissional e demanda por veterinários em diversas regiões do país. Outro ponto que considero muito positivo é o reconhecimento profissional. Nos Estados Unidos, o médico-veterinário é reconhecido e tratado como “doctor”, o que traz uma valorização muito grande da profissão dentro da sociedade e do ambiente profissional. ■

PremieR®

Máximo cuidado, nos mínimos detalhes

Performance
e Vitalidade

Nutrição
de alta
precisão

Pelagem Macia

Ômega 3,
Ômega 6
e Zinco



ALEGRIA PARA UNS, ESTRESSE PARA OUTROS

GRANDES EVENTOS, COMO A COPA DO MUNDO, PODEM DESENCADear QUADROS DE **ANSIEDADE E ESTRESSE EM CÃES E GATOS** E REQUEREM CUIDADOS DIFERENCIADOS COM OS PETS

» DANIELLE ASSIS

danielle@caesegatos.com.br

O ano de 2026 foi muito esperado pelos amantes de futebol, graças a mais uma edição da Copa do Mundo. Por mais que a competição não vá acontecer por aqui, esse esporte ainda é a paixão dos brasileiros e milhares de pessoas param para assistir a seleção jogar.

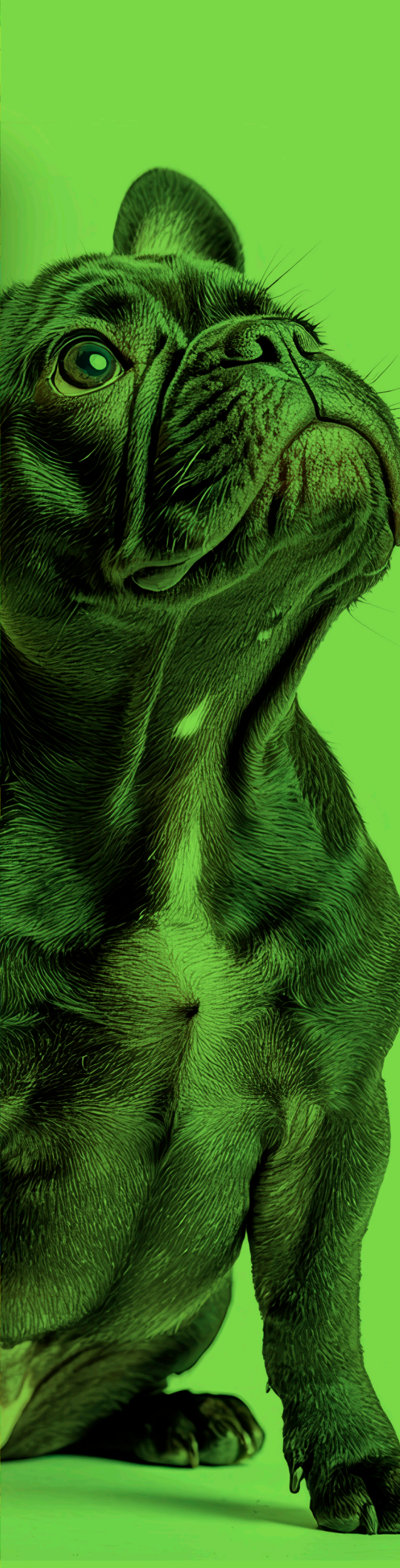
No entanto, a celebração durante os jogos pode se tornar um fator desencadeante de estresse e ansiedade para os pets. Mais do que os barulhos elevados, sejam eles provenientes de gritos, rojões, fogos de artifício ou música, a mudança na rotina também pode afetar os animais.

Segundo Bárbara Georgetti Nascimento, médica-veterinária comportamentalista com certificação Fear Free for Pets e pós-graduação em Etologia

Clínica Veterinária, quando a rotina do responsável muda, geralmente, a rotina dos animais também se altera por consequência. “Grandes eventos esportivos costumam modificar bastante o ambiente da casa: os familiares passam mais tempo fora ou dentro do lar, mudam horários de passeios, alimentação e brincadeiras, além de receberem visitas, fazer confraternizações e gerar mais movimentação e barulho”, cita.

Para complementar, durante jogos importantes é comum haver gritos, música alta, buzinas e fogos de artifício, que podem ser bastante estressantes para alguns animais, especialmente aqueles mais sensíveis a sons.

“Certos pets lidam relativamente bem com essas alterações, principalmente os mais sociáveis e resilientes. Outros podem apresentar sinais de medo, ansiedade ou desconforto, ficando mais agitados, em aler-



ta constante, procurando locais para se esconder ou tendo dificuldade para descansar”, afirma a profissional.

Além disso, a previsibilidade é muito importante para os animais, pois oferece a eles a sensação de controle da situação. Bárbara relata que a rotina ajuda cães e gatos a entenderem o ambiente, anteciparem acontecimentos e se sentirem seguros. Logo, horários relativamente estáveis de alimentação, passeios, descanso e interação funcionam como referências importantes para o equilíbrio emocional deles.

“Quando essa previsibilidade desaparece, alguns animais passam a interpretar o ambiente como menos seguro. Mesmo mudanças que parecem pequenas para os humanos, podem ser significativas para os pets. Dormir mais tarde, receber muitas visitas, ouvir sons intensos ou perceber a casa mais agitada já pode ser suficiente para gerar estresse em indivíduos mais sensíveis”, pontua.

GRANDES VILÕES. Por mais que as alterações de rotina possam ser ruins para cães e gatos, os barulhos durante os jogos da Copa do Mundo ainda são os principais desencadeadores de estresse. Dentre eles, gritos e rojões são os mais prejudiciais aos animais, especialmente os que possuem sensibilidade a ruídos.

Segundo a veterinária, é necessário lembrar que cães e gatos percebem o ambiente de forma diferente dos seres humanos. Isso acontece porque a audição deles é mais sensível, fazendo com que consigam escutar frequências que as pessoas não são capazes.

Deste modo, sons que parecem apenas parte da comemoração, para os animais podem ser muito mais intensos. “Porém, o problema, geralmente, não é só o barulho. Durante esses eventos, o animal costuma ser exposto a vários estímulos ao mesmo tempo: mudança de rotina, excesso de pessoas, movimentação intensa, cheiros diferentes, gritos e falta de previsibilidade. Tudo isso pode deixar alguns pets sobrecarregados, principalmente, quando a reunião acontece na própria casa do animal ou quando ele é levado para ambientes cheios e agitados”, cita Nascimento.

Para completar, muitas vezes, os cães e gatos também perdem acesso aos próprios locais de segurança, o que representa outro desafio. Todos esses

aspectos aumentam o risco de fugas.

De acordo com a profissional, animais assustados podem tentar escapar durante rojões ou movimentação intensa de pessoas dentro de casa. Por outro lado, pets mais sociáveis podem não se incomodar com visitas e encontros de pessoas.

De modo geral, o mais comum é que os felinos fiquem desconfortáveis com visitas e prefiram se esconder em períodos de muita movimentação na casa. Já os cães costumam tolerar melhor ou até gostar de interação social. Contudo, isso não é uma regra.

“Existem cães muito medrosos ou desconfortáveis com pessoas desconhecidas, que sofrem bastante nessas situações. Outros podem ficar excessivamente excitados e superestimulados com tanta movimentação. Ao mesmo tempo, há gatos extremamente sociáveis e que adoram contato com visitas. Nesses casos, o impacto pode ser muito maior para um cão inseguro ou superestimulado do que para um gato sociável”, diz.

BONITOS, MAS INCONVENIENTES.

Os fogos de artifício chamam atenção pela beleza, mas também podem ser extremamente assustadores para cães e gatos. Bárbara relata que, atualmente, existem muitos pets com medo ou fobia de fogos de artifício. Isso ocorre por diversos motivos, tal qual, o barulho alto e repentino e a movimentação associada aos fogos, como clarões, vibrações, gritos e agitação no ambiente.

“Em casos mais graves de fobia, o animal pode se machucar tentando escapar. Já atendi pacientes que foram atropelados ou quebraram portas e janelas de vidro quando tentavam fugir em uma noite de fogos”, relembra.

Infelizmente, ainda existe a ideia de que o animal “vai se acostumar sozinho” com esses efeitos, mas, muitas vezes, isso não acontece. Em diferentes casos, exposições repetidas podem piorar o quadro ao longo do tempo, pois os pets acabam desenvolvendo medo persistente a sons ou passam a apresentar ansiedade antecipatória. Ou seja, o animal começa a demonstrar sinais de medo antes dos fogos acontecerem, até mesmo quando percebe estímulos associa- »

dos, como movimentação diferente na rua, gritos de comemoração em jogos ou sons semelhantes aos rojões.

Vale destacar, ainda, que um cão ou gato pode não ter medo de fogos de artifício, mas após um único evento traumático desenvolvem a fobia. Em outros casos, o medo vai sendo construído aos poucos. “A cada experiência negativa, o animal pode ficar mais sensível e reagir de forma mais intensa aos eventos seguintes. Por isso, muitos quadros acabam piorando ao longo do tempo se não houver manejo adequado”, cita.

ATENÇÃO AOS SINAIS. Conforme Nascimento, é preciso avaliar mudanças no comportamento e na postura corporal de cães e gatos para identificar os sinais de estresse, que podem começar de forma sutil.

Com isso, qualquer alteração no comportamento habitual merece atenção. Alguns pets deixam de fazer atividades normais, como comer, beber água, dormir ou urinar normalmente. Outros podem apresentar tremores, vocalização excessiva, respiração ofegante, salivação excessiva e pupilas dilatadas.

“Além disso, a postura corporal costuma trazer muitos sinais importantes. Nos cães, é comum observar bocejos fora de contexto, lambe os lábios repetidamente, orelhas para trás, rabo entre as pernas, aumento da tensão muscular e comportamentos de evitação, como virar o rosto ou evitar interação”, exemplifica.

No caso dos gatos, pode ser difícil para os responsáveis reconhecerem os sinais de desconforto. Nessas situações, é importante observar, principalmente, postura mais encolhida, tentativa de se esconder, tensão muscular, pupilas dilatadas e posição das orelhas, que podem ficar lateralizadas ou abaixadas.

“Também é necessário lembrar que estar no meio das pessoas não significa necessariamente que o animal está confortável. Ele pode permanecer próximo porque está hipervigilante e tentando monitorar o ambiente, e não porque necessariamente quer interação”, afirma a veterinária.

ALTERAÇÕES ORGÂNICAS. Assim como acontece com os seres humanos, o estresse possui um impacto importante no organismo dos animais,

impacto esse, muitas vezes, subestimado pelos responsáveis. Sabe-se que essa condição é passível de provocar alterações fisiológicas importantes no corpo todo e pode impactar diretamente o bem-estar e a saúde física.

No âmbito do comportamento, o estresse pode desencadear ou agravar problemas comportamentais, como agressividade, ansiedade, vocalização excessiva e marcação urinária. “Inclusive, pets que permanecem por longos períodos em estado de alerta ou insegurança tendem a descansar menos, podendo apresentar maior tensão muscular e alterações importantes na rotina normal de alimentação, sono e interação social”, relata Bárbara.

Essa resposta de estresse também contribui para o aparecimento ou piora de diferentes doenças. A médica-veterinária comenta que, atualmente, existem pesquisas mostrando a associação entre estresse e diversos problemas de saúde, como piora de condições gastrointestinais, dermatológicas, imunológicas e em quadros de dor crônica.

Além disso, a dor merece atenção nesse contexto, visto que cães e gatos com dor articular ou outras enfermidades dolorosas podem apresentar piora importante durante períodos mais estressantes. “Isso acontece por variados mecanismos fisiológicos, incluindo aumento de tensão e contração muscular, algo semelhante ao que observamos em humanos em momentos de estresse prolongado”, relata.

MINIMIZANDO O ESTRESSE. O trabalho de dessensibilização aos sons altos e de fogos de artifício deve ser realizado com antecedência ao evento estressor. Devido a isso, muitas técnicas não podem ser empregadas dada a proximidade do mundial. No entanto, ainda existem medidas que podem ajudar os animais.

“O mais importante é se antecipar. Depois que o pet já entrou em um estado intenso de medo ou estresse, costuma ser muito mais difícil ajudá-lo a relaxar. Dessa forma, algumas horas antes dos jogos devemos oferecer atividades cansativas para o animal, como passeios mais longos, brincadeiras ou enriquecimento ambiental compatível com o perfil dele”, aconselha a profissional.

Também é interessante preparar



um “porto seguro”, que pode ser um cômodo mais protegido, silencioso e onde o cão ou gato já goste de ficar, ou até uma toquinha perto do responsável.

Segundo Nascimento, o ideal é que esse espaço esteja disponível antes dos momentos de maior barulho para que o pet possa se refugiar espontaneamente. Também é importante que o animal sempre tenha possibilidade de escolha, ou seja, de participar da interação ou se afastar e ir até o porto seguro. “Durante os jogos devemos oferecer atividades positivas e legais para ajudar o pet a lidar com esse momento. Vale separar petiscos especiais, sachês, brinquedos preferidos ou até os recheáveis. O recomendado é que esses itens apareçam, principalmente, nas situações de tensão para aumentar o valor deles. Porém, precisamos tomar cuidado para não oferecer brinquedos difíceis demais e gerar frustração”, afirma.

O ambiente da casa também faz a diferença para reduzir o estresse e a ansiedade. Fechar janelas e cortinas ajuda a reduzir o barulho e os estímulos visuais dos fogos. Sons ambientes, televisão, música, ventilador ou ar-condicionado também podem ser úteis para abafar parte do som externo.

FERRAMENTAS ADICIONAIS. Em alguns casos, principalmente em animais com medo intenso ou fobia de fogos, pode ser necessário o uso de medicações, sejam pontuais ou contínuas, administradas sempre com orientação veterinária, para minimizar o estresse e a ansiedade. Essas ferramentas são indicadas quando o pet apresenta sofrimento excessivo, risco de fuga, pânico, perda importante de bem-estar ou histórico de reações intensas a fogos e eventos barulhentos.

Também são indicadas quando o animal não consegue interagir com todas as mudanças ambientais e estratégias que estão sendo realizadas no ambiente domiciliar. “O objetivo dos psicofármacos não é sedar o animal, mas ajudá-lo a lidar melhor com a situação e aproveitar as outras medidas que estamos utilizando. Em certos casos, usamos medicações apenas de forma pontual e em datas específicas. Em outros, especialmente em pacientes com quadros mais graves de ansie-



Bárbara Georgetti Nascimento é médica-veterinária comportamentalista com certificação Fear Free for Pets e pós-graduação em Etologia Clínica Veterinária

dade ou fobia de sons, pode ser necessário um tratamento contínuo”, relata.

Inclusive, quanto mais cedo esses animais forem avaliados por um médico-veterinário, maiores as chances de conseguir evitar uma piora progressiva do medo ao longo do tempo.

Portanto, a orientação profissional possui um papel central nesses momentos, visto que algumas medicações têm contraindicações, interações medicamentosas ou precisam ser administradas com antecedência para apresentarem o efeito adequado.

“Nem todo calmante é seguro para cães e gatos e algumas medicações podem até piorar a sensação de medo ao invés de ajudar”, alerta Nascimento.

Os feromônios são outra ferramenta que pode ser útil para minimizar o estresse dos animais de estimação durante a Copa do Mundo.

Contudo, é necessário ressaltar que, normalmente, eles não funcionam como uma solução isolada, principalmente nos casos mais graves. Com isso, no geral, os melhores resultados acontecem quando os feromônios fazem parte de um conjunto de medidas, tais como, manejo ambiental adequado, redução de estímulos e, em algumas situações, uso de medicação. “Também precisamos ter cuidado com os produtos disponíveis no mercado. Existem opções vendidas como “feromônios” ou “calmantes naturais” que, na

verdade, não são feromônios propriamente ditos ou não possuem estudos científicos adequados demonstrando eficácia e segurança”, pontua Bárbara.

O mesmo acontece com muitos produtos naturais. Há certos fitoterápicos que podem ajudar determinados pacientes, principalmente, em quadros mais leves. No entanto, o efeito costuma ser limitado e pode não ser suficiente para animais com medo intenso ou fobia.

Além disso, alguns produtos comercializados não possuem concentração adequada das substâncias ativas para realmente produzir o efeito esperado. “Por isso, o mais importante é evitar soluções milagrosas e buscar produtos que tenham respaldo científico. Também precisamos lembrar que medo e sofrimento emocional importantes não devem ser encarados como algo “normal” ou apenas comportamental. Em muitos casos, esses pacientes precisam de acompanhamento veterinário adequado, assim como qualquer outro problema de saúde”, afirma.

ORIENTAÇÕES AOS RESPONSÁVEIS. Dependendo do nível de fobia do cão ou gato, mesmo com todos os cuidados indicados, os animais ainda podem apresentar desconforto durante os jogos do mundial.

Nessas situações é fundamental fornecer a orientação correta aos responsáveis para que seja possível ofertar o consolo adequado. “A ideia de que não podemos confortar o animal porque isso reforça o medo é um mito. Não só podemos, como devemos, oferecer conforto e segurança nesses momentos. O ponto importante é como fazer isso da melhor maneira”, esclarece a médica-veterinária.

De acordo com ela, o primeiro passo é sempre respeitar o espaço do pet e não forçar a interação. O responsável também deve tentar permanecer calmo, pois os animais percebem o comportamento e estado emocional das pessoas. “Dessa forma, devemos oferecer conforto sem ficar desesperados. O ideal é agir de forma natural e tranquila, como normalmente fazemos quando chamamos o cão ou gato para brincar, receber carinho e treinar comandos”, conclui. ■



SINAIS QUE VÊM DOS OLHOS

A SAÚDE OCULAR POSSUI IMPACTO DIRETO NA
QUALIDADE DE VIDA DE CÃES E GATOS E SEU
ACOMPANHAMENTO DEVE FAZER PARTE DA ROTINA



Na Medicina Veterinária muito se fala sobre os cuidados ortopédicos, cardíacos e até nefrológicos de cães e gatos. No entanto, nem sempre os olhos são lembrados, o que pode ser um grande erro.

Animais com saúde ocular adequada apresentam melhor qualidade de vida, visto que a cegueira e algumas afecções dolorosas podem ter impactos diretos no dia a dia dos pets.

De modo geral, algumas raças são mais predispostas às doenças dos olhos, como as braquicefálicas, que anatomicamente possuem os olhos mais expostos e conta com maior ocorrência de anormalidades ciliares e palpebrais.

“Entre os cães, as raças mais presentes no atendimento oftalmológico são Shih Tzu, Lhasa Apso, Pug e Bulldog Francês e Inglês. Já entre os gatos, os Persas se destacam”, afirma Maria Fernanda Ferraz, médica-veterinária especializada em Oftalmologia Veterinária com foco em ultrassonografia ocular de pequenos animais. Além disso, as afecções oculares que mais afetam cães e gatos são distintas, existindo particularidades que predispõem o surgimento de cada doença conforme a espécie.

A médica-veterinária afirma que os felinos costumam desenvolver com maior recorrência conjuntivites e ceratites virais, enquanto nos cães esses quadros normalmente ocorrem por baixa produção lacrimal, traumas e anormalidades ciliares. “Nas uveítes por causas infecciosas os agentes também são diferentes. Nos cães, geralmente, acontecem devido a ação de hemoparasitas. No entanto, em gatos a doença pode ser ocasionada por enfermidades como FIV, FeLV e PIF. A catarata diabética ou não diabética, por exemplo, é pouco frequente no gato,

sendo mais comum - e ainda assim rara - a congênita ou traumática”, exemplifica.

ESTRUTURA OCULAR. Para promover um cuidado assertivo com os olhos dos animais é importante conhecer as estruturas oculares. Maria Fernanda esclarece que o globo ocular é formado pela túnica fibrosa ou externa, compreendida pela córnea e pela esclera, que delimitam a estrutura ocular. Também é composto pela túnica vascular ou média, que envolve íris, corpo ciliar e coróide e realiza, respectivamente, o controle da entrada de luz no olho, a produção de humor aquoso e a nutrição da retina.

“A túnica interna ou nervosa, por sua vez, engloba a retina e o nervo óptico, responsáveis pela captação de imagens e envio para o cérebro permitindo a visão. Temos também a lente intraocular, que é uma estrutura avascular sustentada dentro do olho através dos ligamentos zonulares. Ela divide o órgão em segmentos anterior e posterior, além de formar o foco das imagens”, explica.

Ainda de acordo com ela, o segmento anterior é separado em câmara anterior (da córnea até a íris) e câmara posterior (da íris até a lente), enquanto o segmento posterior - também chamado de câmara vítrea - é onde se encontra o corpo vítreo, uma substância gelatinosa e transparente que preenche a maior parte do globo ocular, mantém a forma esférica e, assim, preenche o espaço entre o cristalino e a retina.

AFECÇÕES OCULARES MAIS COMUNS EM CÃES. Segundo Dra Maura Bittencourt, médica-veterinária pós-graduada e doutora em Oftalmologia veterinária, na rotina do atendimento oftalmológico de cães o principal sinal clínico é o chamado “olho vermelho”.

“Ou seja, o paciente chega frequentemente ao consultório com hiperemia conjuntival, dor e secreção ocular, sintomas inespecíficos que podem indicar alterações oculares, como ceratoconjuntivite seca, úlcera de córnea, uveíte, catarata ou glaucoma”, relata. Somente após uma análise aprofundada é possível chegar ao diagnóstico. Para isso, também é importante conhecer as afecções mais recorrentes nesses animais. »

Maria Fernanda Ferraz, médica-veterinária especializada em Oftalmologia Veterinária com foco em ultrassonografia ocular de pequenos animais



TIPOS DE AFECÇÕES MAIS COMUNS EM CÃES

SEGUNDO A DOUTORA MAURA BITTENCOURT

1 Ceratoconjuntivite seca: é uma das condições oculares mais frequentes em cães e, normalmente, a principal causa de “olho vermelho”. Existem três tipos de olho seco (qualitativo, quantitativo e evaporativo). Inicialmente, o ressecamento da superfície ocular causa inflamação e sintomas como desconforto, irritação e aumento da produção da fração aquosa da lágrima em uma tentativa de compensar o ressecamento. Por isso, em uma fase inicial da doença o paciente chega com a região periocular molhada. Quando a ceratoconjuntivite seca fica crônica, há diminuição da fração aquosa e aumento da produção de muco;

2 Úlcera de córnea: pode surgir por trauma, corpo estranho, presença de cílios ectópicos ou distiquíases, alterações palpebrais, olho seco e exposição excessiva da córnea, como ocorre em braquicéfalos por exemplo. Dependendo da profundidade, extensão e contaminação secundária, pode evoluir rapidamente e representar risco real de perfuração ocular;

3 Catarata: é uma opacificação do cristalino e pode ter influência hereditária ou secundária a outras alterações, como, por exemplo, no caso da diabetes. É uma das principais causas de cegueira em cães e possui tratamento cirúrgico;

4 Glaucoma: merece destaque porque também é uma das causas mais relevantes de cegueira. Identificar o motivo, monitorar os sintomas e controlar a pressão intraocular com aparelhos específicos é fundamental ao longo do tratamento para que a melhor conduta terapêutica e/ou cirúrgica seja estabelecida a fim de manter a visão e o conforto do animal;

5 Uveíte: consiste em uma inflamação intraocular, que pode estar relacionada a doenças oculares primárias (neoplasias, por exemplo) ou a inúmeras afecções sistêmicas, desde alterações metabólicas, infecciosas e até neoplásicas. O controle da inflamação e dos sintomas oculares é feito sempre junto com a investigação e tratamento clínico da causa de base.

E OS FELINOS?

Bittencourt relata que a rotina oftálmica de atendimento aos felinos tem algumas particularidades em relação aos cães. Na espécie, as afecções mais frequentes incluem conjuntivites virais, úlceras de córnea, sequestro corneano, uveítes e hifemas.

1 Conjuntivite felina: é extremamente comum e, muitas vezes, está associada a agentes infecciosos, com destaque para o *herpesvirus felino* tipo 1, além de clamídia e micoplasma. O *herpesvirus* pode causar também lesões epiteliais, dor ocular, blefaroespasmos e lacrimejamento. É passível, ainda, de favorecer recidivas em momentos de estresse ou imunossupressão;

2 Úlcera de córnea: assim como nos cães, também é frequente em gatos, especialmente por lesões traumáticas ou em associação a infecção herpética.

Uma alteração bastante característica da espécie é a evolução da úlcera de córnea para uma cicatrização com necrose tecidual. Nesses casos, uma placa enegrecida se forma no local da lesão, desenhando o chamado sequestro corneano;

3 Uveítes: em felinos exigem atenção especial porque, com frequência, estão relacionadas a doenças sistêmicas, como FIV, FeLV, PIF ou toxoplasmose;

4 Hifema: é a presença de sangue na câmara anterior. O sangramento intraocular pode acontecer por causa de um processo inflamatório, neoplásico e por hipertensão arterial sistêmica. Devido a isso, sempre que o veterinário examina um gato com hifema é importante lembrar da avaliação da pressão e da função renal deste paciente.



“Tanto em cães quanto em gatos o olho funciona como um importante sinalizador de doenças sistêmicas. Saber fazer um exame oftálmico adequado na rotina clínica pode trazer grandes pistas sobre as alterações clínicas e oferecer um diagnóstico precoce que possibilita salvar não só a visão, mas a vida do paciente”, aconselha a Dra Maura.

PERÍODOS DE MAIOR ATENÇÃO. Algumas dessas doenças oculares podem se tornar mais frequentes em determinados períodos do ano, embora a casuística varie conforme a região, o clima e o estilo de vida do animal. “Na minha rotina vejo um aumento significativo dos atendimentos de urgências oculares nos períodos de férias e após feriados prolongados”, comenta a doutora em Oftalmologia.

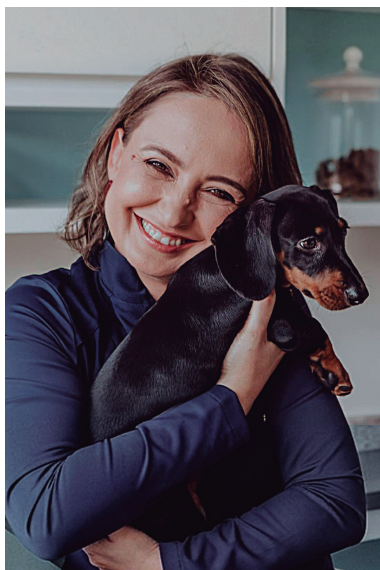
Para a profissional, existem alguns motivos para isso. O primeiro é a alteração de cuidados com pacientes que requerem tratamento contínuo, o que piora os sintomas. Outra possibilidade é a convivência com pets cujos quais não estão acostumados, ocasionando brigas, que levam a traumas oculares.

“A mudança da rotina, a ausência dos responsáveis ou a manipulação por pessoas estranhas no período de férias também favorece o estresse dos gatos e a diminuição da imunidade, existindo aumento dos quadros de alterações oculares por herpesvírus”, pontua.

Além disso, períodos mais secos, com maior presença de poeira, vento, fumaça e poluentes, podem levar a piora de quadros irritativos da superfície ocular e intensificar o desconforto em animais com ceratoconjuntivite seca.

Por outro lado, Dra Maura destaca que doenças como catarata, glaucoma e muitas uveítes não dependem necessariamente da estação do ano, estando mais associadas à predisposição individual, idade e presença de enfermidades sistêmicas.

ENVELHECIMENTO E SAÚDE OCULAR. Assim como acontece com diversos outros sistemas orgânicos, o envelhecimento pode levar a danos nos olhos de cães e gatos. Mais do que a idade avançada predispor o surgimento de alterações oculares, a presença de doenças sistêmicas também é um denominador importante.



Maura Bittencourt é médica-veterinária e pós-graduada e doutora em Oftalmologia veterinária

“Nessa fase, observamos com mais frequência diminuição da produção lacrimal, neoformações em pálpebras, traumas em pacientes com quadros neurológicos, maior incidência de catarata e repercussões oculares de enfermidades sistêmicas”, cita Bittencourt.

Devido a isso, o acompanhamento regular é indispensável em todas as fases da vida, seja para manter a saúde dos olhos ou para prevenir e detectar doenças. A doutora destaca que não se deve banalizar alterações oculares em idosos, atribuindo tudo a algo “comum” na idade sem avaliação e controle adequado de sintomas e de conforto.

Dessa forma, segundo Maria Fernanda, os braquicefálicos devem passar por avaliação oftálmica com um ano de idade e a frequência dos retornos pode variar de acordo com a necessidade de cada animal. Pets jovens de outras raças podem realizar avaliação anual, conforme a recomendação médica. “No entanto, a partir dos sete anos, cães e gatos de todas as idades e raças precisam realizar check-up ocular anualmente”, aconselha.

CAPACIDADE ADAPTATIVA A CEGUEIRA. Com o avançar da idade também é comum o surgimento da catarata, uma das condições passíveis de levar os animais à cegueira. Entretanto, a doutora em Oftalmologia explica que a enfermidade não deve ser considerada

uma consequência inevitável do envelhecimento, assim como não está presente na maioria dos pets idosos. “O que acontece com bastante frequência em animais mais velhos é a esclerose nuclear, um “envelhecimento natural” do cristalino, que gera aspecto mais opaco, muitas vezes, confundido com a catarata, mas que não causa cegueira”, pontua.

A catarata nada mais é do que a opacificação do cristalino, que impede a passagem de luz até a retina. Por diversos motivos, as fibras lenticulares mudam a sua conformação, tornando o cristalino mais duro e opaco, o que impede a passagem da luz para dentro do olho. “Até o momento, não existe nenhuma medicação ou colírio que evite ou desacelere a formação da catarata. O único tratamento disponível é a sua remoção cirúrgica”, relata.

Sobre isso, Gisele Valdetaro, médica-veterinária especializada em Oftalmologia veterinária, esclarece que a catarata não é a única afecção que leva cães e gatos à cegueira. Outras possíveis causas para a condição são glaucoma, descolamento de retina, úlceras graves de córnea, doenças inflamatórias intraoculares e alterações degenerativas da retina.

Certas enfermidades sistêmicas, infecciosas e neurológicas também podem levar à perda de visão quando não diagnosticadas precocemente. Mesmo assim, é sabido que os pets conseguem se adaptar à cegueira.

“Os animais possuem uma grande capacidade de adaptação à cegueira porque utilizam outros sentidos de forma muito eficiente, como audição, olfato e memória espacial. Muitos responsáveis se surpreendem ao descobrir que o pet já perdeu parte da visão há algum tempo, pois eles continuam conseguindo se locomover e manter boa qualidade de vida dentro de ambientes conhecidos”, diz.

Portanto, quando o cão ou gato possui comprometimento visual é essencial realizar algumas adaptações na casa. Dentre elas, evitar mudanças bruscas na disposição dos móveis e restringir o acesso à piscina e escadas para reduzir riscos de acidentes ou trauma.

PREVENÇÃO PARA MANTER O BRILHO NOS OLHOS. Uma série de fatores podem prejudicar a saúde ocular. Alguns são hereditários e genéticos, enquanto outros podem ser causados por »

cuidados inadequados. Para Landulfo, aspectos como falta de higiene ocular, não realização de check-ups periódicos e não buscar atendimento veterinário em casos de traumas nos olhos são os principais. “Quadros como úlceras de córnea, proptose do bulbo ocular, lacerações palpebrais, mudanças do aspecto ocular ou alterações no comportamento do pet com relação a visão requerem atenção imediata. Quanto antes for identificado o problema, mais rápido e assertivo será o tratamento, criando melhores chances de sucesso”, relata.

Logo, dentre os cuidados principais indicados estão a realização de exames regulares, investigação e controle de doenças sistêmicas, orientação ao responsável para reconhecer sinais precoces de desconforto ocular e atenção redobrada em pacientes que já apresentam perda visual.

Além disso, no dia a dia pode ser realizada limpeza da região ocular com solução fisiológica e gaze, quando necessário, e utilizados lubrificantes oculares em situações de maior exposição, seja antes e depois do banho, em dias mais secos ou se o animal fica frequentemente em ambientes com ar-condicionado ou ventilador. Porém, a prescrição deve ser feita apenas após avaliação especializada.

“Check-ups preventivos e cuidados com os pelos do rosto, para verificar se estão atingindo os olhos, são indispensáveis. Já no banho, é importante usar produtos próprios para a região da face, como os neutros e hipoalergênicos”, aconselha Maria Fernanda.

Para complementar, Dra Maura enfatiza: “Eu costumo dizer que olho não dá segunda chance. Essa é uma estrutura muito complexa e delicada, que não aceita tentativas de tratamento inadequadas. Uma lesão ocular é capaz de ter complicações expressivas em menos de 24 horas e, para evitar a perda da visão e do olho do paciente, é fundamental que os veterinários clínicos saibam identificar as principais afecções oculares para proteger este olho contra autotraumatismo, e instituir um tratamento inicial até que a avaliação oftalmológica seja possível”.

SINAIS DE ALERTA. Os olhos costumam mostrar quando algo está errado. A médica-veterinária explica que



Gisele Valdetaro, médica-veterinária especializada em Oftalmologia veterinária

os principais sinais de alerta incluem hiperemia conjuntival, blefaroespasmos, que indica dor, prurido na região, secreção ocular, mudança da cor dos olhos, como opacidades, pigmentação e sangramentos, alteração no tamanho do olho, assimetria ocular ou diminuição e até ausência de visão.

“Na prática, o responsável costuma perceber que o animal está com o olho fechado, dolorido (não permite manipulação), se esfregando ou passando a pata nos olhos. Também pode relatar que o pet está esbarrando em objetos, se acidenta com frequência e se mostra mais inseguro em ambientes desconhecidos”, conta.

A doutora ainda comenta que a dor ocular é considerada uma emergência. Conforme relata, um cão ou gato com olho fechado, córnea azulada ou esbranquiçada, secreção intensa, aumento súbito do globo ocular ou perda visual aguda deve ser avaliado o quanto antes.

Também vale destacar que o olho costuma ser reflexo do que acontece no corpo do animal e, na grande maioria das vezes, as alterações oftálmicas sinalizam outras mudanças clínicas importantes, que estão envolvidas como causa de base. “Por isso, é muito importante o trabalho em conjunto do oftalmologista com o clínico geral para o sucesso do tratamento”, afirma.

AVANÇOS DA OFTALMOLOGIA VETERINÁRIA. Segundo Gisele, a Oftalmologia veterinária evoluiu muito nos últimos anos, principalmente na área cirúrgica e diagnóstica. “Hoje contamos com cirurgias de catarata por facoemulsificação, técnicas mais modernas para tratamento de glaucoma, exames de imagem mais precisos e maior acesso a terapias regenerativas e medicamentos especializados”, afirma.

Já a Bittencourt comenta que, entre os avanços mais relevantes, pode-se citar a melhora dos equipamentos de biomicroscopia, tonometria de rebote, ultrassonografia ocular, fundoscopia indireta e documentação por imagem.

“Em centros especializados, recursos como eletroretinografia, biomicroscopia ultrassônica (UBM) e tomografia de coerência óptica (OCT) têm ampliado a capacidade de avaliação detalhada de estruturas oculares com muito mais precisão”, analisa.

Além disso, a utilização de células tronco para tratamento de alterações da superfície ocular, como úlceras indolentes e olho seco, é uma realidade e promove excelentes resultados.

PROCURA POR ATENDIMENTO ESPECIALIZADO. Landulfo relata que hoje em dia é mais difícil ver responsáveis evitando buscar atendimento especializado em Oftalmologia quando notam que algo está errado com a saúde ocular de seus pets. “Alterações oculares, como piscar excessivo, vermelhidão, aumento da secreção, aspecto azulado dos olhos, prurido em face ou perda visual costumam chamar atenção dos responsáveis. Esses sinais, aliados a uma preocupação importante com a cegueira, criaram uma maior conscientização”, analisa.

Inclusive, essa mudança de comportamento pode estar ocorrendo devido aos médicos-veterinários que atuam na clínica geral estarem realizando mais encaminhamentos de pacientes para os profissionais especializados. Isso permite diagnósticos mais rápidos e consequentemente melhores desfechos.

“A demanda pela Oftalmologia veterinária cresceu muito nos últimos anos, especialmente pela maior conscientização dos responsáveis sobre saúde ocular e a sua interferência na qualidade de vida dos pets”, finaliza Valdetaro. ■

COLÍRIO VETERINÁRIO ALIA AÇÃO ANTIBIÓTICA E SUPORTE À CICATRIZAÇÃO OCULAR

CIPROVET, DA LABYES, FOI DESENVOLVIDO ESPECIFICAMENTE PARA CÃES E GATOS E É INDICADO PARA QUADROS DE ÚLCERAS DE CÓRNEA E INFECÇÕES BACTERIANAS

▷ **DANIELLE ASSIS**

danielle@dc7comunica.com.br

As afecções oculares estão entre os problemas mais frequentes na rotina clínica de cães e gatos, exigindo atenção rápida para evitar complicações que podem comprometer a visão dos animais.

Entre as condições mais comuns, estão as úlceras de córnea e as infecções bacterianas, que demandam tratamento específico e acompanhamento veterinário.

Uma alternativa para auxiliar nesses quadros é o Ciprovet, colírio antibiótico veterinário à base de ciprofloxacina associada ao sulfato de condroitina A.

“Sua formulação foi desenvolvida para proporcionar controle antimicrobiano aliado a uma excelente cicatrização e ação lubrificante, protetora e anti-inflamatória natural, sendo ideal para os processos ulcerativos de córnea”, afirma Viridiana Amado, gerente de marketing Brasil da Labyes.

Segundo a profissional, um dos diferenciais da fórmula é, justamente, a permanência prolongada do colírio sobre a córnea. Isso ocorre devido à viscosidade constante proporcionada pelo sulfato de condroitina A, que assegura maior con-

tato do Ciprovet com a superfície ocular.

Outro ponto destacado é o suporte à cicatrização corneana. “O sulfato de condroitina A auxilia na organização da cicatrização corneana. Com isso, a recuperação mais organizada das fibras da córnea pode favorecer maior transparência da superfície ocular após o processo cicatricial, um aspecto especialmente importante em pacientes acometidos por úlceras de córnea”, relata.

Além disso, o produto foi desenvolvido especialmente para a Oftalmologia veterinária e considerando as necessidades específicas dos cães e gatos.

ORIENTAÇÃO DE USO. A linha oftálmica da Labyes surgiu a partir da necessidade de oferecer soluções que associam eficácia terapêutica, conforto ocular e praticidade de administração.

Deste modo, o Ciprovet pode ser utilizado de forma isolada ou associado a outros colírios e medicamentos, dependendo da gravidade da lesão, da presença de inflamação e das características clínicas do paciente. “A definição do protocolo terapêutico deve ser realizada pelo

médico-veterinário responsável, sendo fundamental respeitar corretamente os intervalos entre as aplicações e o período de tratamento indicados para garantir a eficácia terapêutica”, destaca Viridiana.

Com relação às contraindicações, a única restrição de uso é em animais que possuem hipersensibilidade conhecida aos componentes da fórmula.

“Qualquer tratamento oftálmico somente pode ser definido sob orientação do médico-veterinário, especialmente em casos mais graves, profundos ou de origem não bacteriana”, pontua a gerente. ■



Viridiana Amado é gerente de marketing Brasil da Labyes



RECONHECENDO A SEPSE NA PRÁTICA CLÍNICA

» EDGARD SALOMÃO JUNIOR

A sepse é uma das principais causas de mortalidade na Medicina Veterinária e está associada a um prognóstico desfavorável à grave¹. O reconhecimento precoce, suporte intensivo e tratamento da fonte subjacente da infecção são cruciais para aumentar as chances de sobrevivência. Nesses quadros, os pacientes apresentam sinais de Síndrome da Resposta Inflamatória Sistêmica (SIRS) e, provavelmente, um ou mais tipos de choque.

O choque distributivo é comum na apresentação clínica. Em cães, seus sinais clínicos são causados por um estado hiperdinâmico de vasodilatação e incluem taquicardia, pirexia e hiperemia das mucosas. Esse estado hiperdinâmico é causado por uma resposta imune exagerada às citocinas liberadas durante a resposta do organismo a uma infecção bacteriana, o que leva à perda da capacidade de equilibrar os mediadores homeostáticos².

Se esse estado não for tratado com

rapidez e assertividade, desenvolve-se choque hipodinâmico descompensado.

Os sinais clínicos dessa fase da sepse em cães incluem taquicardia, hipotermia, rebaixamento do nível de consciência, palidez das mucosas e tempo de enchimento capilar prolongado. O organismo entra em uma fase de choque séptico grave quando há hipotensão arterial, apesar da reposição volêmica³.

A hipotensão arterial persistente leva à disfunção orgânica e, eventualmente, à falência múltipla de órgãos, conhecida como DMOS da sepse.

Em cães, os estágios da SIRS e da sepse podem ser diagnosticados com base em diversos critérios. Pode-se avaliar o hemograma completo, o perfil bioquímico sérico, os tempos de coagulação, o lactato sanguíneo e a gasometria arterial.

Os achados do hemograma completo compatíveis com SIRS e sepse incluem leucocitose ou leucopenia devido à resposta imune hiperestimulada, hemoconcentração por possível depleção de volume e trombocitopenia por consumo e coagulação intravascular disseminada^{1,3}.

As anormalidades bioquímicas comuns incluem azotemia por injúria renal aguda, hiperbilirrubinemia por colestase, hipoglicemia devido ao aumento do consumo de glicose ou à gliconeogênese prejudicada, hipoalbuminemia, devido à diminuição da síntese e ao catabolismo destrutivo, e hiperlactatemia por hipoperfusão (a hiperlactatemia grave está associada a um pior prognóstico)^{4,5}.

Os tempos de coagulação podem estar prolongados devido ao aumento do consumo e à diminuição da produção de fatores de coagulação⁶.

O eletrocardiograma (ECG) e a ecocardiografia podem revelar arritmias, diminuição da contratilidade cardíaca e hipovolemia ventricular. Pacientes com choque séptico grave apresentam uma Pressão Arterial Média (PAM) persistente inferior a 60 mmHg, apesar da reposição volêmica.

A ultrassonografia à beira do leito pode auxiliar na identificação oportuna de tratamentos que salvam vidas. O reconhecimento de derrame na cavidade pleural ou peritoneal, em combinação com sinais vitais compatíveis com choque séptico, gera alta suspeita de derrame séptico.

Deve-se realizar uma abdomino-

centese diagnóstica, seguida de rápida avaliação citológica do derrame. O médico-veterinário da sala de emergência deve estar familiarizado com a execução da avaliação do líquido livre como parte do processo de triagem.

A coleta rápida de uma amostra de derrame peritoneal e a avaliação citológica para detecção de bactérias intracelulares são essenciais para a decisão ágil de realizar uma cirurgia de emergência para remoção da fonte de sepse.

ACESSO VASCULAR AVANÇADO. A colocação precoce de um cateter venoso central para coleta de amostras em pacientes críticos auxilia na coleta seriada de sangue e na administração de vasopressores e fluidos cristalóides balanceados.

A monitorização invasiva da pressão arterial por meio de um cateter arterial é considerada o padrão ouro para o monitoramento da pressão arterial.

Para pacientes hipotensos em estado crítico, os cateteres arteriais podem fornecer atualizações da pressão arterial em tempo real, salvando vidas, sem o tempo técnico exigido pela monitorização não invasiva da pressão arterial.

A inserção do cateter arterial é tecnicamente desafiadora, particularmente em pacientes hipotensos com pulsos de difícil palpação. A lavagem oportuna com solução salina heparinizada pode ajudar a prevenir a coagulação do cateter durante o transporte do paciente.

ANESTESIA PARA PACIENTES CRÍTICOS. O preparo para a cirurgia antes da indução anestésica deve ser realizado na sala de cirurgia para reduzir o tempo de anestesia.

Devido à hipotensão persistente durante os períodos pré e perioperatórios, sem melhora após reposição volêmica, deve-se iniciar sem atraso o suporte vasopressor na forma de infusão contínua de norepinefrina. A norepinefrina é o agente de eleição para aumentar o débito cardíaco e a perfusão orgânica⁸. A infusão contínua deve ser diluída para corresponder à taxa de administração (0,2 µg/kg/min = 2 mL/h).

VARIÁVEIS PARA RESOLUÇÃO DA SEPSE.

O sucesso do tratamento da sepse e do choque séptico depende do rápido reco-

nhecimento dos sinais clínicos e do tratamento protocolar do choque séptico.

A rápida inserção de cateteres vasculares avançados possibilita a coleta seriada de amostras de sangue e o monitoramento direto da pressão arterial. A administração precoce de vasopressores permite a estabilização hemodinâmica do paciente. Nesses casos, a anestesia deve ser multimodal e bem balanceada para minimizar o comprometimento cardiopulmonar.

O tratamento bem-sucedido e a sobrevivência do paciente dependerão do número de disfunções orgânicas apresentadas, com especial atenção à injúria renal aguda da sepse decorrente da hipotensão arterial e dos danos celulares. ■

Referências

- Boller EM, Otto CM. Sepse e choque séptico. Em: Silverstein D, Hopper K, eds. Medicina de Cuidados Intensivos em Pequenos Animais . 2ª ed. WB Saunders Company; 2014:472-480.
- Laforcade AD, Silverstein DC. Choque. Em: Silverstein D, Hopper K, eds. Medicina de Cuidados Intensivos para Pequenos Animais . 2ª ed. WB Saunders Company; 2014:26-29.
- Laforcade AD. Síndrome da resposta inflamatória sistêmica. Em: Silverstein D, Hopper K, eds. Medicina de Cuidados Intensivos para Pequenos Animais . 2ª ed. WB Saunders Company; 2014:30-34.
- Langston CE, Eatroff AE. Lesão renal aguda. Em: Silverstein D, Hopper K, eds. Medicina de Cuidados Intensivos para Pequenos Animais . 2ª ed. WB Saunders Company; 2014:655-660.
- Miller SI, Wallace Jr RJ, Musher DM, Septimus EJ, Kohl S, Baughn RE. Hipoglicemia como manifestação de sepse. Am J Med . 1980;68(5):649-654. doi:10.1016/0002-9343(80)90250-8
- Simmons J, Pittet JF. A coagulopatia da sepse aguda. Curr Opin Anesthesiol . 2015;28(2):227-236. doi:10.1097/ACO.0000000000000163
- Haskins SC. Monitoramento de pacientes anestesiados. Em: Grimm KA, Lamont LA, Tranquilli WJ, Greene SA, Robertson RA, eds. Anestesia e Analgesia Veterinária . John Wiley and Sons Inc; 2015:86-113.
- Murphy KM, Rishniw M, Silverstein DC. Uso de vasopressores para o tratamento da hipotensão vasodilatadora em cães e gatos por diplomados do American College of Veterinary Emergency and Critical Care. J Vet Emerg Crit Care (San Antonio). Publicado online em 13 de julho de 2022. doi:10.1111/vec.13230

Edgard Salomão Junior é médico-veterinário, mestre em Clínica e Cirurgia Veterinária pela UFF/RJ e doutor em Ciências da Saúde-Anestesiologia pela FMUSP. É palestrante, exerce consultorias técnicas em clínicas e hospitais veterinários através do Centro de Expertise Veterinária-CEV e atua em cursos de pós-graduação e como perito judicial médico-veterinário federal, estadual e na Justiça do Trabalho.



CARDIOLOGIA VETERINÁRIA GANHA NOVO ALIADO PARA O TRATAMENTO DA INSUFICIÊNCIA CARDÍACA CONGESTIVA EM CÃES

VETNIL® LANÇA PIMOCOR®, INODILATADOR À BASE DE PIMOBENDAN DISPONÍVEL
NAS APRESENTAÇÕES DE 1,25 MG E 5 MG

» DANIELLE ASSIS

danielle@dc7comunica.com.br

As cardiopatias são um desafio frequente na clínica de pequenos animais, representando cerca de 10% dos atendimentos e figurando como importantes causas de morbidade e mortalidade em cães.

Dentre as doenças cardíacas mais comuns estão a Doença Mixomatosa da Valva Mitral (DMVM) e a Cardiomiopatia Dilatada (CMD), que podem evoluir para Insuficiência Cardíaca Congestiva (ICC). Esses quadros não apenas comprometem a qualidade de vida dos animais, como também diminuem significativamente a expectativa de vida.

Atenta a esse cenário, a **Vetnil®** anuncia o lançamento do **Pimocor®**, um medicamento à base de pimobendan, que chega ao mercado com a proposta de atuar de forma eficaz no tratamento da ICC, nos casos associados à doença mixomatosa da valva mitral (DMVM) e à cardiomiopatia dilatada. “Classificado como inodilatador, o pimobendan possui ação inotrópica positiva, ou seja, aumenta a força de contração do coração, e vasodilatadora, diminuindo a resistência vascular periférica. Seu objetivo principal é melhorar a função do coração e facilitar a circulação do sangue”, afirma Kauê Ribeiro da Silva, médico-veterinário e coordenador de comunicação técnica na **Vetnil®**.

Por conta dessa ação, o medicamento é recomendado para cães a partir do estágio B2 da DMVM, visto que estudos, como o EPIC, mostraram a sua capacidade de retardar a progressão para ICC (estágio C). Além disso, em pacientes com cardiomiopatia dilatada, o uso do medicamento na fase pré-clínica também é recomendado, pois retarda a progressão da doença e prolonga o período em que o animal permanece assintomático.

ENTENDENDO AS DOENÇAS. Segundo o médico-veterinário, a doença mixomatosa da valva mitral é a enfermidade cardíaca adquirida mais comum em cães, especialmente em raças de pequeno porte. “Ela é caracterizada pela degeneração progressiva da valva mitral, levando ao seu espessamento e deformação, o que resulta em regurgitação mitral crônica”, afirma.

De acordo com o sistema de estadiamento proposto pelo American College of Veterinary Internal Medicine (ACVIM) em 2019, os animais com suspeita ou diagnóstico de DMVM são classificados em cinco estágios clínicos:

A Estágio A
Inclui cães de raças com alto risco de desenvolver insuficiência cardíaca, mas sem nenhuma anormalidade estrutural aparente no momento do exame. Raças como Cavalier King Charles Spaniel, Dachshund e Poodle Toy são alguns exemplos das mais predispostas à doença, sendo automaticamente consideradas no estágio A;

B1 Estágio B1
Animais com alterações auscultatórias, como sopro, mas com evidência sutil de remodelamento cardíaco, sendo assintomáticos;

B2 Estágio B2
pacientes com sopro e remodelamento cardíaco mais significativo, porém ainda assintomáticos;

C Estágio C
cães com sinais clínicos anteriores ou atuais de insuficiência cardíaca causados pela DMVM;

D Estágio D
casos refratários à terapia medicamentosa, com recidivas frequentes de sinais clínicos, exigindo ajustes terapêuticos contínuos.

Já nas raças de grande porte, a enfermidade cardíaca adquirida mais frequente é a cardiomiopatia dilatada, que compromete o músculo cardíaco, levando à dilatação das câmaras do coração e à diminuição da sua capacidade de contração.

“Ambas as condições apresentam caráter progressivo e tendem a evoluir para insuficiência cardíaca congestiva. Dessa forma, o objetivo das terapias cardíacas envolve reduzir a progressão da doença, mantendo o animal o máximo de tempo possível no estágio em que ele está. Porém, a partir da insuficiência

cardíaca, a terapia é adaptada, envolvendo outros medicamentos além do pimobendan, com foco também para os diuréticos, como a furosemida, bem como cuidados e acompanhamento veterinário mais frequentes”, explica Kauê.

Logo, mesmo que a terapia não leve à cura, é possível, através dela, proporcionar um suporte às funções cardíacas para manter o bem-estar dos cães.

APRESENTAÇÕES. Disponível nas apresentações de 1,25 mg e 5 mg, **Pimocor®** oferece flexibilidade na adequação da dose, se adaptando a diferentes pesos dos cães.

A medicação é comercializada em cartuchos contendo três blisters com dez comprimidos (ou seja, 30 comprimidos no total) e deve ser administrada por via oral, a cada 12 horas, pelo menos uma hora antes da alimentação.

COMPARTILHANDO CONHECIMENTO. Para auxiliar os médicos-veterinários no momento da prescrição, a **Vetnil®** investe em educação continuada, oferecendo conteúdos técnicos desenvolvidos em parceria com especialistas da área.

Exemplos são o informativo técnico, a videoaula e o podcast criados em parceria com o M.V. Esp. Lucas de Carvalho Navajas, presidente da Sociedade Brasileira de Cardiologia Veterinária, com o tema “**Afinal, quando começar a tratar o cão cardiopata?**”.

“As cardiopatias representam uma parcela significativa da rotina clínica de pequenos animais e, ainda, impõem desafios importantes, especialmente quando falamos em diagnóstico preciso e definição do momento ideal de intervenção. Sabemos que essas decisões impactam diretamente o sucesso terapêutico. Portanto, faz parte do propósito da **Vetnil®**, como parceira de quem cuida, contribuir com a atualização constante dos profissionais, oferecendo soluções que realmente façam diferença na prática clínica”, comenta o coordenador de comunicação técnica na **Vetnil®**.

Todos os materiais estão disponíveis no site e no canal do YouTube da **Vetnil®**. Além disso, o **Pimocor®** já está à venda no canal especializado. ■

**TERMÔ-
METRO
EM QUEDA,
ATENÇÃO
EM ALTA**

CHEGADA DO INVERNO FAVORECE **AFECCÕES RESPIRATÓRIAS E DORES ARTICULARES**, EXIGINDO CUIDADO ESPECIAL COM CÃES E GATOS

► DANIELLE ASSIS

danielle@dc7comunica.com.br

No dia 21 de junho começa oficialmente o inverno no Brasil. Essa estação, que acende alerta na saúde humana, também merece atenção durante o cuidado com cães e gatos, que estão mais susceptíveis ao desenvolvimento ou agravamento de algumas doenças.

As baixas temperaturas são capazes de alterar não apenas a rotina, como também a fisiologia dos animais, predispondo o surgimento de problemas de saúde comuns do período.

Por mais que pets de todas as idades devam receber uma atenção especial no inverno, alguns requerem um cuidado extra. “Nesta época, a maior atenção deve ser dada a filhotes e idosos. Neonatos e filhotes ainda não possuem o centro termorregulador totalmente desenvolvido e têm pouca gordura de reserva térmica. Já no caso dos idosos, como eles sofrem com perda de massa muscular e desaceleração metabólica, a capacidade de gerar calor por meio de tremores musculares é diminuída”, explica Mariana Castelhana Diniz, médica-veterinária e analista técnica de marketing da Biofarm.

Ainda citando os idosos, a profissional comenta que o frio causa vasoconstrição periférica, diminuindo a perfusão sanguínea nas articulações e exacerbando os sintomas de osteoartrite e outras doenças articulares degenerativas. Essa situação faz com que o animal sinta mais dor e rigidez ao se movimentar.

Os cães e gatos de pelagem curta também requerem atenção especial, pois tendem a perder calor mais rápido para o ambiente. Para completar, cães de pequeno porte ficam com o corpo resfriado com muito mais facilidade que dos de grande porte.

ATENÇÃO AO SISTEMA RESPIRATÓRIO.

Assim como acontece na saúde humana, as enfermidades respiratórias são as mais comuns em pets durante o inverno.

Segundo Marihá Vieira Perucchi, médica-veterinária especializada em Pneumologia veterinária, o inverno é uma estação complicada para a saúde respiratória de cães e gatos, principalmente para aqueles que já possuem histórico prévio de doenças nesse sistema.

“O ar frio e seco fragiliza o sistema imunológico e facilita a proliferação de vírus e bactérias. Além disso, as baixas temperaturas diminuem as defesas naturais dos animais, tornando-os mais suscetíveis a infecções respiratórias”, relata.

Outro ponto importante é que o ar frio e seco irrita as vias aéreas, principalmente traqueia e brônquios, diminuindo a capacidade de defesa e recuperação das mucosas. “Isso pode causar o ressecamento das vias respiratórias e desencadear crises de tosse, espirros e inflamações, agravando quadros de asma felina e/ou bronquites crônicas”, cita.

As enfermidades infecciosas, como a traqueobronquite infecciosa canina – conhecida popularmente como tosse dos canis – e o complexo respiratório felino são comuns na estação. Podem acometer animais que frequentam lugares fechados, onde não há circulação de ar, ou espaços com grande concentração de pets, como creches, canis e abrigos.

Marihá esclarece que a traqueobronquite infecciosa canina é causada pelo vírus da *parainfluenza* e/ou pela bactéria *borderella bronchiseptica*. Seu sinal clínico principal é a tosse seca, persistente e “engasgada”, que se agrava com o frio ou agitação.

“Já o complexo respiratório felino é causado, principalmente, pelo *Herpesvírus felino*. Os sinais clínicos são

espirros frequentes, secreção nasal e ocular, conjuntivite e febre”, explica.

Dentre as doenças inflamatórias estão bronquite, asma e rinite, que afetam os brônquios e as cavidades nasais, respectivamente. Essas afecções são agravadas devido a queda da temperatura, o ressecamento do ar, a menor ventilação dos ambientes e o declínio da imunidade de cada animal.

“Todas essas enfermidades, se não tratadas corretamente, podem levar ao agravamento do quadro, causando pneumonia, rinossinusites e destruição das conchas nasais”, alerta a profissional.

Mudanças no comportamento e na respiração de cães e gatos são indicadores de que houve o agravamento ou surgimento de doenças respiratórias. Sinais clínicos recorrentes desse tipo de afecção são tosse constante, espirros frequentes, secreção nasal e ocular, dispneia, resistência a exercícios, perda de apetite, febre e mucosas cianóticas.

OUTROS SISTEMAS ACOMETIDOS.

Nem só o sistema respiratório merece atenção durante o inverno. Mariana explica que condições, como artrose e osteoartrite, não são causadas pelo frio, mas pioram drasticamente com temperaturas mais baixas. “Devido a isso, é importante o responsável observar se o pet com essas doenças apresenta dificuldade para se levantar ou deitar, claudica, tem relutância em subir escadas ou caminhar e desenvolve lambedura excessiva nas articulações, comportamento que indica algum desconforto ou dor”, pontua.

Além disso, embora pareça estranho associar o frio com a urina de gatos, os responsáveis por felinos devem ficar atentos ao aparecimento de doenças do trato urinário inferior, como a formação de cristais e cistites. ►►

“Essas afecções podem surgir porque no inverno os gatos bebem menos água, tornando a urina mais concentrada, o que predispõe o surgimento de afecções do trato urinário”, diz.

PREVENÇÃO É PALAVRA DE ORDEM.

Existem diversas formas de manter os pets protegidos e prevenir as doenças comuns da estação. Cuidados simples podem ajudar a deixar cães e gatos saudáveis. Dentre eles, destaca-se a vacinação. “A vacina contra a gripe para cães, apesar de não ser obrigatória por lei, é essencial para a saúde coletiva e o bem-estar do animal. Ela é fundamental para prevenir doenças respiratórias contagiosas, como as citadas acima, reduzindo a gravidade dos sintomas, evitando complicações graves, como pneumonia, e diminuindo a disseminação da doença entre os pets”, afirma Marihá.

Já no caso dos felinos, Mariana indica as vacinas múltiplas, pois elas previnem contra a rinotraqueíte, um vírus que causa espirros, secreção nasal e ocular intensa.

Com relação ao ambiente onde o pet vive, algumas atitudes básicas podem fazer a diferença. “Elevar as caminhas do chão é uma medida importante para evitar o contato direto com a friagem, assim como não deixar o animal ficar em locais com correntes de ar. Para isso pode-se manter as janelas fechadas nos horários mais frios do dia”, aconselha a profissional.

Cães de pelo curto, filhotes e idosos podem se beneficiar com o uso de roupinhas confortáveis, que não restrinjam os seus movimentos, e os banhos e tosas devem ser evitados nos dias mais frios.

Contudo, Diniz alerta que as roupinhas não são recomendadas para cães de pelagem longa, densa ou dupla, como os das raças Husky Siberiano, Golden Retriever e Chow Chow, por exemplo. Para gatos também não são indicadas, pois podem atrapalhar os hábitos de higiene, restringir o comportamento natural e instintivo e estressá-los por afetar o equilíbrio e a mobilidade.

“No entanto, excepcionalmente gatos de raças que não possuem pelos, como o Sphynx, podem precisar de proteção em dias mais frios”, pontua.

A alimentação e a ingestão de água também não devem ser deixadas de lado. “A alimentação merece atenção no inverno. Alguns animais po-



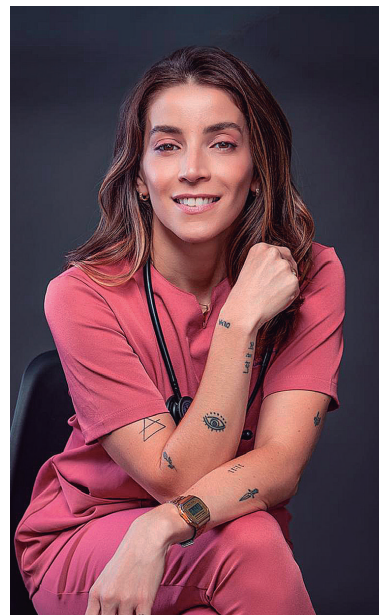
Mariana Castelhana Diniz é médica-veterinária e analista técnica de marketing da Biofarm

dem precisar de um aumento calórico para manter a temperatura corporal, mas isso deve ser sempre orientado por um médico-veterinário. Outro ponto importante é garantir que o pet beba água suficiente, pois eles, assim como nós, tendem a sentir menos sede no inverno, e o ar seco, aliado aos ambientes aquecidos, pode causar desidratação”, esclarece Perucchi.

Para complementar, se possível, deve-se evitar aglomerações de animais para reduzir o contato com pets doentes, especialmente em parques ou creches fechadas.

CUIDADOS ESPECIAIS COM FILHOTES E IDOSOS. Por mais que animais de todas as idades, portes e espécies precisem de um manejo adequado durante o inverno, idosos e filhotes requerem atenção especial, justamente pela maior dificuldade em regular a temperatura corporal.

Marihá alerta para a necessidade desses pets estarem com a defesa imunológica em dia. Para isso, o uso de suplementos que aumentam as defesas corporais são uma boa medida. Porém, os mesmos devem ser prescritos por um médico-veterinário. “Como os idosos tendem a sentir mais dores articulares nessa época do ano, é importante mantê-los aquecidos para reduzir desconfortos e, caso seja necessário, bus-



Marihá Vieira Perucchi, médica-veterinária especializada em Pneumologia veterinária

car auxílio especializado. Caminhadas curtas, nos horários em que a temperatura externa está mais agradável, também ajudam a manter a mobilidade e as articulações menos enrijecidas”, cita.

Com relação aos filhotes, especialmente aqueles que não completaram o ciclo vacinal, devem ser mantidos apenas em casa e não é indicado deixá-los sozinhos em áreas externas nos horários mais frios do dia.

ATENÇÃO AOS SINAIS. Identificar que cães e gatos estão com frio não é difícil, visto que muitos animais dão sinais claros de desconforto térmico.

Mariana comenta que postura mais encolhida, com as patas escondidas sob o corpo e cauda bem rente, busca por fontes de calor, como aquecedores e cobertores, momentos de quietude, dormir por períodos mais longos, desinteresse por passeios e brincadeiras e esconder-se são os principais indícios. “A atenção também deve ser dada a sinais físicos, como tremores, extremidades frias, vocalização como forma de expressar desconforto e pele e pelos arrepiados não podem passar despercebidos”, alerta.

Além disso, ao observar sinais não habituais, como espirros, tosse, secreção nasal e/ou ocular, é indispensável a procura por um médico-veterinário para uma avaliação detalhada. ■

**DIS
TRITO
ANHE
MBI**

**12 A 14
AGOSTO**

EVENTO OFICIAL
**PET
+vet**

P E T + V E T A P R E S E N T A
**PETVET
FEST** | **20
26**

FAÇA O SEU CREDENCIAMENTO

SEU ACESSO AO PRINCIPAL
ENCONTRO DO MERCADO
VET COMEÇA AQUI.

ESCANEIE O QR CODE



+16.500
VISITANTES
QUALIFICADOS

+80
MARCAS
EXPOSITORAS



**PETVET
FEST** | **20
26**

CON
GRES
SSO

EVENTO OFICIAL
**PET
+vet**
CONGRESSO/ANMV

GARANTA SEU INGRESSO

+1.500
INSCRITOS

+100
PALESTRANTES



LEIA O QR CODE
COMPRE AQUI!

**DIS
TRITO
ANHE
MBI**
**12 A 14
AGOSTO**

ORGANIZAÇÃO E PROMOÇÃO



MÍDIA OFICIAL



EVENTO PARALELO



Conecte-se conosco!
Siga nossas redes sociais
e fique por dentro das
últimas novidades.



@petvetexpo
petvetexpo.com.br

QUANDO AS *fezes* DITAM COMPORTA- MENTOS (PARTE 2)

O PROCESSO DE DOMESTICAÇÃO DOS FELINOS POSSUI INFLUÊNCIA DIRETA EM **SEUS HÁBITOS DE EXCREÇÃO**, INCLUSIVE NO DE ENTERRAR

» JULYENNE CHRISTYNNE ESCRIVANI FRASNELLI

julyennece@gmail.com

Gatos domésticos vivem sob a autoridade dos responsáveis, que controlam o que, quando, onde e como se alimentam e depositar suas excretas, interferindo em atividades típicas da espécie. Assim sendo, as relações dos felinos são determinadas pelos responsáveis (Zoran e Buffington 2011).

Historicamente os gatos domésticos buscam um granulado que remeta a areia, sem cheiro e em abundância para enterrar suas fezes. Porém, para os do-

miciliados foi necessária uma adaptação aceitável para o convívio juntamente com a família e seus hábitos tradicionais.

Logo, as excretas dos felinos tornaram-se um problema de convívio (Zoran e Buffington 2011). Em 1940, os responsáveis podiam ir a uma loja de animais e comprar o primeiro banheiro de gatos “E-Z Klean Kitty”, uma panela de metal esmaltada forrada com papel, normalmente preenchida com terra, areia, cinzas ou jornais. O odor associado à urina e fezes foi suficiente para levar muitos gatos de volta para fora.





Em 1947, um acidente proporcionou à Edward Lowe a possibilidade de desenvolver um substrato semelhante ao natural, uma argila granulada inicialmente comercializada como material de nidificação para galinha.

Após isso, várias empresas começaram a criar granulados de argila e outros materiais, permitindo ao gato excretar e permanecer no convívio doméstico. Desde então, foi assumido que uma caixa de areia com granulado é o ideal para gatos e responsáveis.

Um questionamento plausível, visto tantas informações sobre o comportamento que se assemelha entre os felinos, é: o quanto essa interferência humana afeta os aspectos comportamentais de excreção natural, associado a ingestão de uma dieta com baixo teor de umidade?

O padrão comportamental dos felinos domésticos pode ser influenciado por residirem em lares com espaço reduzido, recursos limitados, alta densidade populacional, interações agonísticas e granulados comerciais perfumados, com texturas que diferem do natural e que não aglutinam, conferindo cheiro indesejado pelo gato devido a limpeza difícil (Horwitz 1997. Overall 2005. Carney e Hird 2005. Cottam e Dodman 2006. Amat et al. 2009 Herron 2010. Frayne et al. 2019. Grigg Pick e Nibblett 2012. Neilson 2003. Carney et al. 2014).

Todos esses pontos devem ser ponderados na crescente presença dos gatos no convívio humano, visto que possuem necessidades naturais preservadas.

Comportamentos como caçar, se alimentar de forma solitária, arrastar nos sentidos horizontal e vertical e esfregar o rosto e corpo em locais estratégicos para não se sentirem ameaçados podem influenciar diretamente no comportamento social e de excreção. Muitas vezes, além do espaço para os gatos ser reduzido, a alimentação é fornecida próximo ao local de excreção por conveniência humana e os recursos citados são limitados em nú-

mero inferior ao preconizado e aceitável pela literatura (Frayne et al. 2019).

PREFERÊNCIAS DEPENDEM DO AMBIENTE. Os felinos tendem a buscar substratos e alturas específicas para deixar exposta determinada marcação na ausência do território (Piñeiro e Barja 2012). A alta densidade populacional e escassez de alimento, é fator indicativo de fezes expostas no ambiente de felinos, o que pode ser extrapolada para os lares com essas características como sugere (Burgos et al. 2018).

Eliminação inadequada fora da caixa de areia continua sendo problema comportamental mais comum e a principal razão comportamental pela qual os gatos são entregues a abrigos e eutanásia (Frayne et al. 2019).

O manejo correto da caixa de areia influencia distúrbios de eliminação inapropriados em felinos. Por exemplo, se o gato sentir dor enquanto estiver na lixeira, ele pode evitar usar a caixa depois.

Quando problemas médicos são tratados ou descartados, uma história comportamental é feita e um diagnóstico comportamental específico é definido (Frayne et al. 2019).

Um plano de tratamento comportamental é então proposto. Normalmente, inclui o manejo ideal da caixa de areia e modificação ambiental destinada a reduzir o estresse (técnicas MEMO), às vezes acrescentado o uso de feromônios e/ou drogas ansiolíticas (Frayne et al. 2019).

As recomendações comuns para melhorar esse manejo incluem a limpeza diária e o substrato completamente substituído semanalmente, bem como priorizar os granulados finos e sem cheiro que aglutinem.

O número de caixas deve ser superior ao de gatos, logo, normalmente, significa o número de gatos mais um ($n+1$). As caixas devem estar longe da alimentação e do ambiente social do animal, ficar em um ambiente silencioso e ter tamanho grande, sobrando metade do »

corpo de espaço livre. Também é indicado dar preferência para caixas abertas facilitando a limpeza (Frayne et al. 2019).

Normalmente, os felinos se comunicam por uma somatória de fatores, estando os odores e feromônios (depositados por todo o corpo do gato) de forma primária, o que evita confronto direto em situações desfavoráveis.

É de conhecimento na literatura que os felinos do gênero *Panthera* não sentem necessidade de enterrar suas fezes em nenhuma situação, talvez por ser topo da cadeia alimentar. Fezes são encontradas expostas por todo o território, e por caçarem em forma de emboscada, as fezes expostas não são empecilho ou incômodo (Bradshaw 2000. Bradshaw 2018).

Já os gatos menores que enterram, dedicam tempo plausível ficando vulneráveis a possíveis predadores em potencial, o que remete a busca de locais o mais longe possível da área central para serem imperceptíveis nesse momento de maior gasto energético, além do viés olfativo e sanitário (Feldman 1994).

Sendo assim, um gato doméstico saudável passa 60% do tempo na caixa de areia cobrindo os excrementos, enquanto gatos com enfermidades gastam

apenas 30% do seu tempo (Beaver 1992).

Além disso, quando a areia ou a caixa são inaceitáveis, os felinos tendem a não cobrir e raramente arrancam após a eliminação (Beaver 1992).

A maioria dos gatos domésticos nasce com o comportamento de enterrar aprendido e cerca de 20% precisa observar esse comportamento para aprender. Quando as fezes não são cobertas, tendem a situar-se ao longo de caminhos de caça ou em locais elevados, com duas ou três fezes acumuladas por local (Beaver 1992).

É válido questionar se, por serem mesopredadores, necessitam, em certos momentos, não serem vistos, então gastar energia com o comportamento de enterrar é justificável para se proteger.

Existem comportamentos atávicos nos felinos domésticos, como caçar, ato que demanda alta motivação comportamental biológica, mesmo o alimento estando disponível.

Deixar as fezes expostas não é um ato interessante nesse sentido, tornando importante salientar a confusão mental que o banheiro próximo a alimentação pode ocasionar nos lares.

Essa frustração constante pode desenvolver problemas comportamentais diversos, estando a ansiedade, agressão

redirecionada e eliminação inapropriada como principais queixas dos responsáveis em consultorias comportamentais.

Em situações de estresse social os sinais podem variar de agressão a catalepsia, incluindo: falha em enterrar fezes, sujeira, higiene insuficiente, higiene excessiva, comportamentos orais, coçar/balançar a cabeça, comer demais, anorexia, diarreia, constipação, retraimento social, vômito e piloereção crônica (Beaver 1992).

Por fim, as seleções artificiais de domesticação alteraram alguns dos fatores genéticos desse comportamento e, consequentemente, alguns gatos não enterram suas fezes nem mesmo em sua área central.

Por outro lado, outros felinos são tão exigentes que cobrem não apenas suas fezes, mas as fezes expostas de qualquer outro gato, pois o odor concentrado de matéria fecal pode inibir o uso de uma determinada área (Beaver 1992). ■

Julienne Christynne Escrivani Frasnelli, médica-veterinária pós-graduada em Medicina Felina pelo Qualittas, veterinária Cat Friendly pela AAEP, profissional certificada Fear Free Professional, certificada em comportamento felino avançado pela ISFM, mestre pela UFSCar e docente de pós-graduação em Medicina Felina. E-mail: julyennece@gmail.com

Referências

BEAVER Bonnie. V. Feline behaviour: a guide for veterinarians. Philadelphia (USA): W. B. Saunders Company, 1992.

BURGOS, Tamara; VIRGÓS, Emilio; VALERO, Emma S; ROJAS, Rafael A; RODRÍGUEZ-SILES, Javier; RECIO, Mariano R. Prey density determines the faecal marking behaviour of a solitary predator, the Iberian lynx (*Lynx pardinus*). *Ethology Ecology & Evolution* 31(3), 2019.

BRADSHAW, John and BEAUMONT, Charlotte C. The signalling repertoire of the domestic cat and its undomesticated relatives. In: TURNER, Dennis C and BATESON, Patrick. *The Domestic cat. The biology of its behaviour* 2nd ed. Cambridge. 2000. P. 67-93.

BRADSHAW, John.W.S; CASEY, Rachel A. and BROWN, Saeah, L. *The behaviour of the domestic cat* 2nd ed. Oxon: CABI Publishing, 2000. 219 p.

BRADSHAW, John. Normal feline behaviour...and why problem behaviours develop. *Journal of Medicine and Surgery*. UK, V. 20, 411-421. 2018.

BATESON, P. *The Domestic cat: the biology of its behaviour*. In: BRADSHAW, Jo Cambridge: Cambridge University Press, 67-81, 1994.

CHEIDA, C. C.; OLIVEIRA, E. N.; COSTA, R. F.; MENDES, F. R.; QUADROS, J. Ordem Carnívora. In: REIS, N. R.; PERACCHI, A. L.; PEDRO, W. A.; LIMA, I. P. *Mamíferos do Brasil* 2nd ed. Londrina, Copyright. 235-272 2011.

CARNEY C. Hazel; SADEK P. Tammy; CURTIS M. Terry; HALLS Vicky; HEATH Sarah; HUTCHISON Pippa; MUNDSCHEK Kari; WESTROPP L. Jodi. AAEP and

ISFM Guidelines for Diagnosing and Solving House-Soilun Behavior in Cats. *Journal of Feline Medicine and Surgery* (2014) 16, 579-598.

COTTAM Nicole; DODMAN NH. Nicholas. Effect of an odor eliminator on feline litter box behavior. *Elsevier*. V.9, 44-50. 2007.

DRISCOLL, Carlos A; RAYMOND, Marilyn M; ROCA, Alfred I; HUPE, Harsten; JOHNSON, Warren E; GEFEN, Eli; HARLEY, Eric H; DELIBES, Miguel; PONTIER, Dominique; KITCHENER, Andrew C; YAMAGUCHI, Nobuyuki; O'BRIEN, Stephen J; MACDONALD, David W. The near eastern origin of cat domestication. *Science*. New York, v. 317, 519-523. July. 2007.

FELDMAN, Hilary. N. Methods of scent marking in the domestic cat. *Canadian Journal of Zoology*. Cambridge v. 72, 1093-1099. May. 1994.

FRAYNE, Jennifer; MURRAY, Sarah. M; CRONEY, Candace; FLICKINGER, Elizabeth; EDWARDS, Michelle ad SHOVELLER, Anna K. The behavioural effects of innovative litter developed to attract cats. *Animals*. v.9, 683, 2019.

FRAYNE, Jennifer; MURRAY, Sarah. M; CRONEY, Candace; FLICKINGER, Elizabeth; EDWARDS, Michelle ad SHOVELLER, Anna K. The behavioural effects of innovative litter developed to attract cats. *Animals*. v.9, 683, 2019.

GRIGG K. Emma; PICK Lidsay and NIBBLET Belle. Litter box preference in domestic cats: covered versus uncovered. *Journal of Feline Medicine and Surgery*. V 15 (4) 280-284. Outubro 2012.

GROVES, Ellie. Moisture matters: a focus on feline hydration. *The veterinary Nurse*. UK, V. 12 n. 4, May.

2021. HERRON E. Meghan. *Advances in Understanding and Treatment of Feline Inappropriate Elimination*. Topical Review. V 25. N 4. Novembro 2010.

HORWITS F. Debra. Behavioral and environmental factor associated with elimination behavior problems in cats: a retrospective study. *Elsevier*. V 52 129-137. Março. 1997.

LOGAN, Kenneth A.; SWEANOR, Linda. L.; Behavior and Social Organization of a solitary Carnivore. In: HORNOCKER, Maurice.; NEGRI, Sharon. *Cougar Ecology & Conservation*. London: University of Chicago Press. 120-142. 2009.

NEILSON Jacqui. Thinking outside the box: feline elimination. *Journal of Feline Medicine and Surgery*. V 6, 5-11. Setembro. 2004.

OVERALL L. Karen; CARNEY Hazel; HIRD Nicole. Feline behavior guidelines from the American Association of Feline Practitioners. *Special Report*. JAVMA. V 227. Julho. 2005.

PIÑERO, Ana and BARJA, Isabel. The plant physical features selected by wildcats as signal posts: an economic approach to fecal marking. *Springer*. v.99. 801-809. 2012.

VILLAVERDE, Cecilia and CHANDLER, Marge. Commercial vs homemade cat diets what you need to know. *Journal of Feline Medicine and Surgery*. V. 24. 215-428. 2022.

ZORAN, Debra I; BUFFINGTON, Tony. Effects of nutrition choices and lifestyle changes on the well-being of cats, a carnivore that has moved indoors. *Javma*. V. 239 n. 5. 596-606. September. 2011.



O EVENTO MAIS COMPLETO DO SETOR VETERINÁRIO!



23 a 25 de JULHO
de 2026



VIASOFT EXPERIENCE
CURITIBA/PR

TRÊS DIAS DE IMERSÃO EM CONHECIMENTO,
INOVAÇÃO E NETWORKING PARA VOCÊ
E O FUTURO DA SUA CARREIRA



+7000
PARTICIPANTES
ESTIMADOS



+150
PALESTRANTES
RENOMADOS



+15
AUDITÓRIOS
SIMULTÂNEOS



+500
PALESTRAS
PREMIUM



+120
EMPRESAS
EXPOSITORAS



+25
ESPECIALIDADES
VETERINÁRIAS

- ✓ Atualização científica com grandes nomes do setor
- ✓ Networking estratégico e qualificado
- ✓ Feira de negócios com grandes marcas veterinárias
- ✓ Experiência exclusiva e marcante em Curitiba

GARANTA JÁ
A SUA INSCRIÇÃO



medvep.com.br/congresso-medvep-medvep-de-especialidades-veterinarias-2026

Realização



Patrocínio

VETNIL

Organnact
Cariño é o nosso suplemento.

ROYAL CANIN

PremieRpet
TEMPO DE NUTRIR. DE VERDADE.

NUTRIÇÃO DO GATO SÊNIOR: ESTRATÉGIAS NUTRICIONAIS PARA PROMOVER LONGEVIDADE E QUALIDADE DE VIDA

POR **GUSTAVO QUIRINO**, médico-veterinário e analista de treinamento técnico da Adimax



14 anos – essa é a longevidade mediana de um gato, podendo ultrapassar 20 anos em alguns casos¹. Esse cenário reflete o crescente investimento dos responsáveis na saúde de seus animais, resultando em uma população felina cada vez mais longeva e em maior demanda por atendimentos veterinários nessa fase da vida.

Com o avanço da idade, o organismo do gato passa por diversas alterações metabólicas e fisiológicas, que podem se manifestar por mudanças na composição corporal, mobilidade, imunidade e comportamento².

Diante disso, a American Animal Hospital Association (AAHA) destaca a nutrição como um dos pilares essenciais para promover saúde e qualidade de vida em animais seniores. A seguir, entenda quais características tornam a dieta especialmente importante para gatos nessa fase da vida.

PROTEÍNAS DE ALTO VALOR BIOLÓGICO. A manutenção da massa muscular está diretamente relacionada à sobrevivência e à mobilidade em gatos. Com o envelhecimento, é comum a sarcopenia – perda fisiológica de massa muscular³.

Para atenuar esse processo, dietas com proteínas de alto valor biológico em níveis adequados são indispensáveis, pois fornecem os aminoácidos essenciais com alta biodisponibilidade, contribuindo para a preservação do tecido muscular⁴.

ALTA DENSIDADE NUTRICIONAL E DIGESTIBILIDADE. O envelhecimento também reduz a digestibilidade de nutrientes, especialmente gorduras e proteínas, dificultando a manutenção da condição corporal ideal⁴.

Recomenda-se que a dieta para gatos seniores atenda às diretrizes de guias de referência, como o da Federação Europeia da Indústria de Alimentos para Animais de Estimação (FEDIAF), e utilize de ingredientes de elevada digestibilidade para favorecer o aproveitamento eficiente dos nutrientes⁵.

ANTIOXIDANTES NATURAIS. O estresse oxidativo – estado em que a produção de radicais livres excede a capacidade antioxidante do organismo – contribui negativamente para a qualidade de vida de animais seniores⁵.

A inclusão de antioxidantes naturais, como concentrado de tocoferóis, auxilia no combate aos radicais livres e na mitigação dos efeitos desse processo⁶.

FIBRAS ESPECIAIS E PREBIÓTICOS. O envelhecimento pode causar alterações na microbiota intestinal, sinalizando disbiose⁷. A inclusão de fibras funcionais, como a polpa de beterraba, e de prebióticos, como frutooligosacarídeos, mananoligosacarídeos e betaglucanas, além de maiores níveis de fibra bruta em relação às dietas para gatos adultos, contribui para

a modulação benéfica da microbiota, formação de fezes em escore ideal e manutenção da motilidade intestinal⁸.

A nutrição se consolida como um dos pilares fundamentais para a saúde e a qualidade de vida em gatos seniores. Por isso, a prescrição nutricional para gatos acima de sete anos de idade, sem comorbidades associadas, deve priorizar alimentos que atendam integralmente às necessidades nutricionais dessa fase.

O portfólio de Fórmula Natural conta com soluções nutricionais específicas para gatos a partir de sete anos de idade. Fórmula Natural Life Gatos Castrados 7+ e Fórmula Natural Fresh Meat Gato Sênior contemplam os principais fatores dietéticos discutidos neste artigo, além de não incluírem ingredientes transgênicos e utilizarem antioxidantes naturais em sua composição.

Além disso, Fórmula Natural Fresh Meat Gato Sênior se destaca pelo uso de carnes selecionadas e por não conter grãos (*grain free*), atributos que contribuem para elevada palatabilidade e digestibilidade, elevando o padrão nutricional da alimentação de gatos nessa fase da vida. ■



Para saber mais, acesse o QR CODE ao lado

FÓRMULA NATURAL

Nutrição Avançada

O CARINHO DE AMANHÃ

COMEÇA NA NUTRIÇÃO DE CADA DIA

+ Nutrição

+ Longevidade

+ Vitalidade

GATO SÊNIOR A PARTIR DOS

7

ANOS



**ENVELHECER JUNTOS
É UM PRIVILÉGIO.
CUIDAR EM CADA FASE
FAZ PARTE DISSO.**

Com nutrição de alta qualidade, **Fórmula Natural** oferece o cuidado que os gatos seniores precisam para viver essa fase com mais saúde, vitalidade e bem-estar.

PROTEÍNA
DE FRANGO:
VILÃ PARA
A PELE?

» THAIS XIMENES, MONIQUE PALUDETTI E ERIKA PEREIRA

Alergia alimentar é uma preocupação frequentemente apontada por responsáveis como uma das principais causas de prurido e distúrbios cutâneos em cães e gatos, motivando um número expressivo de atendimentos na rotina clínica (Olivry & Mueller, 2017).

Essa reação pode ser definida como uma resposta imune exagerada à antígenos provenientes do alimento, mediada tanto por imunoglobulinas quanto por células (Mueller & Unterer, 2018; Halliwell et al., 2021).

Essa afecção pode chegar a 24% dos quadros dermatológicos em animais de companhia (Olivry & Mueller, 2017) e, apesar de aparentemente não apresentar predisposição racial direta, é comumente observada em cães da raça Labrador, Golden Retriever e West Highland White Terrier (Olivry & Mueller, 2019) bem como em gatos siameses (Carlotti et al., 1990).

As formas de apresentação da reação adversa muitas vezes não se restringem apenas a lesões na pele e coceira, em mais de 20% dos casos ocorre também envolvimento gastrointestinal como vômito, diarreia, desconforto abdominal e borborigmos (Matias & Martins, 2025).

Para o correto diagnóstico, é fundamental inicialmente eliminar outras possíveis causas que estejam afetando a integridade da pele a partir do controle adequado de ectoparasitas, e garantir que o animal esteja recebendo uma nutrição completa e balanceada (Gaschen & Merchant, 2011; Dandrieux et al., 2026).

Após, segue-se para o padrão ouro de

diagnóstico e tratamento da doença que consiste no teste alimentar ou dieta de exclusão, com posterior dieta de desafio (Bryan & Frank, 2010; Gaschen & Merchant, 2011).

A dieta de exclusão consiste na restrição a antígenos alimentares conhecidos, podendo ser utilizado alimento comercial com base em proteína hidrolisada, ou então dieta caseira com proteína exclusiva e de preferência inédita, ou seja, que o animal não tenha tido contato prévio (Miller et al., 2023; Dandrieux et al., 2026).

Embora proteínas animais sejam os principais alérgenos envolvidos nas reações adversas alimentares em cães e gatos, relatos envolvendo ingredientes vegetais e fontes de carboidratos, como trigo, milho e arroz, também já foram descritos na literatura, demonstrando que diferentes componentes da dieta podem atuar como desencadeadores em indivíduos sensibilizados (Mueller et al., 2016).

Já a dieta de desafio consiste em oferecer novamente a dieta anterior ao tratamento e é indispensável para conclusão do diagnóstico de alergia alimentar, uma vez que ajuda a eliminar possíveis causas sazonais.

Mais especificamente em relação à proteína proveniente do frango, é importante destacar que, em animais que não apresentam reação adversa alimentar, essa fonte proteica costuma ter excelente aproveitamento nutricional.

Ingredientes derivados do frango, incluindo farinhas de vísceras utilizadas na indústria pet food, possuem elevada digestibilidade, adequado perfil de aminoácidos essenciais e boa palatabilidade, sendo amplamente empregados na formulação de dietas comerciais para cães e gatos.

Estudos demonstram que, quando adequadamente processadas, essas matérias-primas apresentam alta qua- »

lidade nutricional e importante contribuição para o fornecimento proteico dos alimentos completos, não havendo evidências que sustentem a associação automática entre o uso desses ingredientes e baixa qualidade alimentar (Abd El-Wahab et al., 2022; Dozier et al., 2003).

A frequente associação entre o frango e os quadros de alergia alimentar em cães e gatos não está relacionada ao potencial alergênico da proteína, mas a ampla exposição desses animais ao ingrediente ao longo da vida.

O frango está entre as principais fontes proteicas utilizadas na indústria pet food brasileira devido à sua elevada disponibilidade, digestibilidade, palatabilidade e custo competitivo, estando presente em grande parte dos alimentos comerciais e petiscos (Pedrinelli et al., 2022; Donadelli et al., 2019).

Nesse contexto, a maior frequência de exposição pode favorecer processos de sensibilização imunológica, justificando sua recorrente associação às reações adversas alimentares. Destaca-se, portanto, que não existe um único alérgeno predominante, havendo variações conforme espécie, histórico alimentar prévio do animal, hábitos culturais da família e características regionais de consumo de alimentos.

Tal aspecto foi demonstrado em revisão sistemática que avaliaram os principais alérgenos associados a manifestações cutâneas em cães e gatos da Austrália, América do Norte e Europa. Em cães, a carne bovina representou o principal ingrediente associado (34%), seguida pelos derivados lácteos (17%), enquanto em gatos, os ingredientes mais frequentemente envolvidos foram carne bovina (18%) e peixe (17%) (Mueller et al., 2016).

Por fim, outro aspecto importante na interpretação dos casos de alergia alimentar envolve a possibilidade de reações cruzadas entre proteínas estruturalmente semelhantes (Gaschen & Merchant, 2011; Bexley et al., 2019).

Proteínas compartilhadas entre carne de frango, ovos e outras fontes podem contribuir para respostas imunológicas cruzadas em animais sensibilizados, dificultando a identificação precisa do ingrediente desencadeador. Além disso, estudos demonstraram que traços de proteínas ou DNA de frango podem estar presentes em di-

ferentes produtos comerciais devido à contaminação cruzada durante o processamento industrial, representando um desafio adicional na realização das dietas de exclusão e interpretação da resposta clínica (Gaschen & Merchant, 2011; Bexley et al., 2019; Biel et al., 2022).

Em suma, a frequente associação entre frango e afecções cutâneas em cães e gatos provavelmente está relacionada à alta exposição desse ingrediente na alimentação desses animais, e não a um potencial alergênico intrinsecamente superior quando comparado a outras fontes proteicas.

Diversos componentes da dieta podem estar envolvidos nos quadros de hipersensibilidade alimentar, tornando indispensável a condução adequada da dieta de exclusão seguida de desafio alimentar para diagnóstico correto.

Assim, não existem evidências que justifiquem a exclusão rotineira da proteína de frango da alimentação de cães e gatos saudáveis, especialmente considerando sua elevada digestibilidade, alto valor biológico e adequado perfil nutricional. ■

Referências

- Olivry, T., & Mueller, R. S. (2017). Critically appraised topic on adverse food reactions of companion animals (3): Prevalence of cutaneous adverse food reactions in dogs and cats. *BMC Veterinary Research*, 13(1), 51. <https://doi.org/10.1186/s12917-017-0973-z>
- Mueller, R. S., & Unterer, S. (2018). Adverse food reactions: Pathogenesis, clinical signs, diagnosis and alternatives to elimination diets. *The Veterinary Journal*, 236, 89–95. <https://doi.org/10.1016/j.tvjl.2018.04.014>
- Connolly, K. M., Heinze, C. R., & Olivry, T., & Mueller, R. S. (2019). Critically appraised topic on adverse food reactions of companion animals (7): Signalment and cutaneous manifestations of dogs and cats with adverse food reactions. *BMC Veterinary Research*, 15(1), 140. <https://doi.org/10.1186/s12917-019-1880-2>
- Carlotti, D. N., Remy, I., & Prost, C. (1990). Food allergy in dogs and cats. A review and report of 43 cases. *Veterinary Dermatology*, 1(2), 55–62. <https://doi.org/10.1111/j.1365-3164.1990.tb00013.x>
- Matias, D., & Martins, L. (2025). Food allergy in companion animals: Integrating traditional diagnostics with emerging approaches. *Veterinary Sciences*, 12(4), 444. <https://doi.org/10.3390/vetsci12040444>
- Gaschen, F. P., & Merchant, S. R. (2011). Adverse food reactions in dogs and cats. *Veterinary Clinics of North America: Small Animal Practice*, 41(2), 361–379. <https://doi.org/10.1016/j.cvsm.2011.01.002>
- Dandrieux, J. R. S., Allenspach, K., O'Connor, A. M., Heilmann, R. M., Suchodolski, J. S., Lidbury, J. A., Procoli, F., Jergens, A. E., Kathrani, A., Marsilio, S., Peiravan, A., Craven, M., German, A. J., Steiner, J. M., Freiche, V., & Washabau, R. J. (2026). ACVIM-endorsed statement: Consensus statement and systematic review on guidelines for the diagnosis and treatment of

- chronic inflammatory enteropathy in dogs. *Journal of Veterinary Internal Medicine*, 40(1), aalaf017. <https://doi.org/10.1093/jvim/aalaf017>
- Bryan, J., & Frank, L. A. (2010). Food allergy in the cat: A diagnosis by elimination. *Journal of Feline Medicine and Surgery*, 12(11), 861–866. <https://doi.org/10.1016/j.jfms.2010.08.005>
- Miller, J., Simpson, A., Bloom, P., Diesel, A., Friedeck, A., Paterson, T., Wisecup, M., & Yu, C.-M. (2023). 2023 AAHA management of allergic skin diseases in dogs and cats guidelines. *Journal of the American Animal Hospital Association*, 59(6), 255–284. <https://doi.org/10.5326/JAAHA-MS-7396>
- Mueller, R. S., Olivry, T., & Prélud, P. (2016). Critically appraised topic on adverse food reactions of companion animals (2): Common food allergen sources in dogs and cats. *BMC Veterinary Research*, 12(1), 9. <https://doi.org/10.1186/s12917-016-0633-8>
- Abd El-Wahab, A., Chuppava, B., Visscher, C., & Kamphues, J. (2022). Effects of poultry by-products inclusion in dry food on nutrient digestibility and fecal quality in Beagle dogs. *Frontiers in Veterinary Science*, 9, 975846. <https://doi.org/10.3389/fvets.2022.975846>
- Dozier, W. A., Dale, N. M., & Dove, C. R. (2003). Nutrient composition of feed-grade and pet-food-grade poultry by-product meal. *Journal of Applied Poultry Research*, 12(4), 526–530. <https://doi.org/10.1093/japr/12.4.526>
- Pedrinelli, V., Teixeira, F. A., McManus, C., & Brunetto, M. A. (2022). Environmental impact of diets for dogs and cats. *Scientific Reports*, 12(1), 19341. <https://doi.org/10.1038/s41598-022-22631-0>
- Donadelli, R. A., Aldrich, C. G., Jones, C. K., & Beyer, R. S. (2019). The amino acid composition and protein quality of various egg, poultry meal by-products, and vegetable proteins used in the production of dog and cat diets. *Poultry Science*, 98(3), 1371–1378. <https://doi.org/10.3382/ps/pey462>
- Bexley, J., Kingswell, N., & Olivry, T. (2019). Serum IgE cross-reactivity between fish and chicken meats in dogs. *Veterinary Dermatology*, 30(1), 25–e8. <https://doi.org/10.1111/vde.12691>
- Biel, W., Natonek-Wisniewska, M., Kępińska-Pacelik, J., Kazimierska, K., Czerniawska-Piątkowska, E., & Krzyścin, P. (2022). Detection of chicken DNA in commercial dog foods. *BMC Veterinary Research*, 18(1), 92. <https://doi.org/10.1186/s12917-022-03200-z>

Thais Ximenes, Médica Veterinária, ex-residente em Nutrição e Nutrição Clínica de Cães e Gatos pela UNESP/Jaboticabal. Pós-graduanda em endocrinologia veterinária pela Equilíbrio Veterinária. Clínica na área de Nutrição Clínica de cães e gatos. E-mail: thais.ximenes@unesp.br

Monique Paludetti, Médica veterinária, ex-residente de Nutrição e Nutrição Clínica de Cães e Gatos pela UNESP/Jaboticabal. Doutoranda em Clínica Médica com ênfase em Nutrição de Cães e Gatos pela FMVZ-USP. Clínica na área de Nutrição de cães e gatos. E-mail: monique.paludetti@usp.br

Erika Pereira, Médica Veterinária, residência em Clínica Médica de Cães e Gatos pela UFF. Especialização em Nutrição e Nutrologia pela ANCLIVEPA-SP. Mestre pelo programa de Clínica Veterinária pela FMVZ-USP. E-mail: muerikapereira@gmail.com



■ RESPONSABILIDADE ÉTICA NA MEDICINA VETERINÁRIA (PARTE 2)

O que realmente leva um médico-veterinário a ser denunciado?

Na edição anterior, vimos que a responsabilidade ética do médico-veterinário vai além do erro técnico. Agora, surge a pergunta: se muitos profissionais tecnicamente competentes acabam enfrentando denúncias éticas, onde está, então, a maior vulnerabilidade? A resposta, na maioria das vezes, não está na cirurgia, no exame ou no tratamento. Está na comunicação.

COMUNICAÇÃO: PILAR DA RELAÇÃO MÉDICO-VETERINÁRIO E RESPONSÁVEL PELO ANIMAL

Grande parte das denúncias que chegam aos Conselhos Regionais nasce quando o responsável pelo animal sente que não foi ouvido, informado ou acolhido. O problema nem sempre é o desfecho clínico, mas a surpresa diante dele.

O responsável pelo animal aceita mais facilmente uma intercorrência quando compreende previamente riscos, limitações e gravidade do caso. Porém, quando recebe uma notícia inesperada sem ter sido preparado, a frustração frequentemente se transforma em denúncia ética ou processo judicial.

Por isso, a comunicação deixou de ser apenas uma habilidade interpessoal. Hoje, representa instrumento de proteção ética e jurídica.

A COMUNICAÇÃO PELAS REDES SOCIAIS E O RISCO DE INFRAÇÃO ÉTICA

Existe outro ponto extremamente sensível na Medicina Veterinária contemporânea: a publicidade profissional. As redes sociais aproximaram os profissionais do público, ampliaram a visibilidade das clínicas e criaram oportunidades de crescimento. Entretanto, promoveram aumento significativo dos riscos éticos.

Promessas de resultado, exposição inadequada de procedimentos, sensacionalismo e autopromoção exagerada têm apa-

recido cada vez mais em processos éticos.

O Código de Ética do Médico-Veterinário veda práticas que induzam o responsável pelo animal ao erro ou criem expectativas irreais. Na prática, marketing ético não é aquele que promete cura, sucesso ou superioridade profissional. Marketing ético é aquele que informa, orienta e gera confiança.

PRONTUÁRIO CLÍNICO: A COMUNICAÇÃO DOCUMENTAL QUE SE TRANSFORMA EM PROTEÇÃO E DEFESA

Muitos profissionais ainda enxergam a documentação clínica como burocracia. Porém, em uma denúncia ética, o prontuário frequentemente se torna o principal elemento de defesa profissional. Sem registros adequados, torna-se extremamente difícil comprovar orientações fornecidas, riscos explicados, consentimento informado, evolução clínica, condutas adotadas, entre outros.

Além disso, existe uma realidade dura no campo pericial: o que não está documentado, muitas vezes, é interpretado como não realizado. Por isso, prontuário bem elaborado não é excesso de formalidade. É proteção profissional e argumento sólido de defesa, ética ou judicial.

MEMORIZE ISSO!

Segurança ética é construída diariamente, na forma como o médico-veterinário se comunica com o responsável pelo animal. ■

NA PRÓXIMA EDIÇÃO
Daremos continuidade ao tema.
Envie suas dúvidas para:
vetfazdireito@institutodas.com.br

Ana Paula Falcão de Moura Gierlich é advogada, especialista e mestranda em Direito Médico, doutoranda em Odontologia Legal, fundadora do Instituto DAS – Direito Aplicado à Saúde, Profa. Convidada em Direito Odontológico nos Cursos de Especialização, Mestrado e Doutorado em Odontologia Legal da Faculdade São Leopoldo Mandic – Campinas/SP. Conselheira em Empresas de Saúde pela Board Academy. Diretora de Compliance da EquoSorriso Equoterapia – São José dos Pinhais/PR, Co-fundadora da CODEGEE – Consultoria, Desenvolvimento e Gestão Empresarial Ltda. Criadora do Programa VET FAZ DIREITO – que ajuda médicos-veterinários a estruturarem suas clínicas com segurança, organização e tranquilidade, prevenindo riscos éticos e problemas jurídicos no seu dia a dia. Contato: vetfazdireito@institutodas.com.br



SNACKS QUE UNEM CUIDADO COM A SAÚDE BUCAL E NUTRIÇÃO PARA CÃES

NOVA LINHA DESENVOLVIDA PELA **FARMINA PET FOODS** BUSCA AUXILIAR NO CONTROLE DA PLACA BACTERIANA E DO TÁRTARO SEM INTERFERIR NA DIETA OU EM TRATAMENTOS NUTRICIONAIS DOS PETS

▷ DANIELLE ASSIS

danielle@dc7comunica.com.br

A preocupação dos responsáveis com a saúde bucal e a nutrição de qualidade dos cães impulsionou a criação de uma nova linha de snacks da Farmina Pet Foods.

Desenvolvidos para auxiliar na higiene oral sem comprometer a alimentação ou tratamentos nutricionais dos cães, os produtos já estão disponíveis em clínicas veterinárias e pet shops de todo o Brasil.

Segundo Patrícia Padovez, médica-veterinária especializada em Nutrição e gerente técnica América Latina da empresa, o lançamento surgiu a partir da combinação entre a alta demanda por cuidados odontológicos e a necessidade de oferecer um petisco seguro.

“A crescente conscientização sobre a importância da saúde bucal e a alta demanda por produtos que auxiliem nesse cuidado, aliadas à possibilidade de oferecer um petisco sem interferir na saúde ou no tratamento nutricional do pet, levaram a Farmina a desenvolver essa linha de snacks”, explica.

OPÇÕES PARA TODAS AS NECESSIDADES. A nova linha de petiscos acompanha a proposta nutricional já conhecida das demais categorias da marca.

Entre as opções disponíveis estão snacks das linhas N&D Quinoa, N&D White, N&D Brown, N&D Tropical, N&D Pumpkin e Vet Life. Os produtos são comercializados em versões Mini e Medium & Maxi, além de contarem com alternativas específicas para filhotes e adultos em algumas linhas.

Indicados para cães a partir de quatro meses de idade, os snacks se destacam pelo formato em estrela de seis pontas, criado para estimular a mastigação e aumentar o atrito com os dentes, inclusive em regiões mais próximas da gengiva. “Essa ação mecânica associada à inclusão de tripolifosfato de sódio e zinco, auxilia na remoção da placa bacteriana e dificulta a formação do tártaro”, comenta Patrícia.

Outro diferencial é a possibilidade de oferecer os petiscos em diferentes fases da vida e condições fisiológicas dos cães, sem comprometer dietas específicas ou

protocolos nutricionais já estabelecidos.

A recomendação de uso é de uma unidade por dia entre as refeições. Cada embalagem contém sete unidades, quantidade pensada para auxiliar nos cuidados bucais durante uma semana.

“Apesar de não haver contraindicações específicas, a orientação é respeitar a idade mínima indicada (a partir de quatro meses), o porte do cão e a quantidade recomendada para consumo. Após abertas, as embalagens devem ser utilizadas em até 14 dias”, finaliza a médica-veterinária. ■

Patrícia Padovez é médica-veterinária especializada em Nutrição e gerente técnica América Latina da empresa





Happy pet. Happy you.

Novos Snacks Dentais Farmina

Um mimo saudável para o sorriso do seu cão.



FARINHA DE VÍSCERAS: UNIÃO ENTRE ALTO VALOR NUTRICIONAL E SUSTENTABILIDADE

INGREDIENTE QUE GERA POLÊMICA NO PET FOOD OFERECE GANHOS REAIS EM QUALIDADE E CUIDADO COM O MEIO AMBIENTE

» DANIELLE ASSIS

danielle@dc7comunica.com.br

Os alimentos para cães e gatos são formulados a partir de diferentes compostos para que consigam atingir o nível de qualidade nutricional adequado. Dentre os ingredientes que podem fazer parte desta composição está a farinha de vísceras de aves.

Esse produto é produzido a partir do aproveitamento de órgãos e tecidos provenientes de animais abatidos para consumo humano. Para ser destinado ao pet food, passa por um processo de cozimento, secagem e moagem, que resulta em um ingrediente concentrado em proteína, gordura, vitaminas e minerais.

“Apesar do nome gerar certa estranheza e resistência em algumas pessoas, estamos falando de órgãos como fígado, coração, moela, rins e outros tecidos que, do ponto de vista nutricional, são extremamente ricos em nutrientes”, afirma Carla Maion, médica-veterinária pós-graduada em Nutrição de cães e gatos.

Segundo a profissional, a composição da farinha de vísceras pode variar conforme a matéria-prima utilizada, mas, normalmente, nela são encontrados órgãos como fígado, coração,

moela, rins, pulmões, tecidos musculares aderidos às carcaças e pequenas quantidades de cartilagens e ossos.

“É importante destacar que existe uma diferença entre farinha de vísceras e outros ingredientes de origem animal. Muitas vezes, o consumidor coloca tudo no mesmo grupo, mas cada ingrediente possui definição legal própria e características nutricionais diferentes”, explica.

Nutricionalmente falando, esse ingrediente fornece uma alta concentração de nutrientes, tal como, proteína de elevado valor biológico, aminoácidos essenciais, vitaminas do complexo B, vitamina A, ferro, zinco e selênio.

Além disso, Carla relata que estudos e testes realizados pela indústria mostram que cães e gatos costumam aceitar muito bem alimentos que contêm ingredientes víscerais, o que é mais um benefício.

“Na prática, é comum observarmos maior interesse pelo alimento quando há participação adequada dessas fontes na formulação. Inclusive, uma farinha de vísceras de boa qualidade apresenta excelente digestibilidade, o que significa melhor aproveitamento dos nutrientes pelo organismo e eleva a qualidade do alimento”, pontua.

DESMISTIFICANDO MITOS. Por conta da composição, criou-se o mito de que alimentos produzidos com esse ingrediente são de qualidade inferior, mas, na prática, essa não é uma realidade.

“Acredito que essa percepção existe porque ingredientes, como miúdos e vísceras, não fazem parte do consumo habitual da maioria das pessoas, o que pode gerar estranheza e a ideia equivocada de que possuem menor valor. Além disso, a crescente antropomorfização dos pets faz com que muitos responsáveis busquem alimentos cada vez mais semelhantes à alimentação humana, associando cortes de carnes a maior qualidade”, analisa o médico-veterinário e gerente de relacionamento científico da PremieRpet, Flavio Lopes da Silva.

Na prática, a farinha de vísceras é empregada, principalmente, em alimentos secos extrusados (ração) como parte da sua composição. Flavio explica que ela atua como fonte de proteína e aminoácidos, mas também pode ser utilizada na composição de alimentos específicos, como petiscos.

EMPREGO NO PET FOOD. Até o momento não existe uma quantidade máxima definida para a inclusão desse compo-

nente em alimentos para cães e gatos.

“O que importa é o equilíbrio nutricional da dieta final. A formulação deve atender às exigências de proteína, aminoácidos, minerais, vitaminas e digestibilidade estabelecidas pelas recomendações internacionais. Por isso, avaliar a qualidade de uma ração apenas pela presença ou pela quantidade de farinha de vísceras é um erro. O alimento precisa ser analisado como um todo”, cita Maion.

Conforme explica Silva, ao incluir esse ingrediente na composição é preciso ter um controle de qualidade eficiente para evitar contaminação e oxidação e garantir o shelf-life – em português, vida de prateleira – do produto acabado.

“Na PremieRpet, por exemplo, são usadas farinhas de vísceras de fornecedores certificados, em linhas com proteínas certificadas, é realizada a rastreabilidade do insumo e todo o processo é acompanhado de perto. A preocupação com a qualidade da matéria-prima é parte central de todo o processo produtivo”, relata.

Já Carla complementa afirmando que uma farinha produzida sem controle adequado pode apresentar maior variação nutricional entre lotes, excesso de minerais provenientes de ossos ou perda de qualidade devido à oxidação das gorduras. Devido a isso, o controle industrial é fundamental.

“Inclusive, não há qualquer restrição de emprego da farinha de vísceras em alimentos para animais saudáveis, desde que eles estejam dentro das necessidades nutricionais de cada espécie, idade e porte. Por outro lado, o uso pode não ser recomendado para cães e gatos que tenham diagnóstico de alguma alergia a frango”, pontua Flávio.

SUSTENTABILIDADE. Além dos benefícios nutricionais conhecidos da farinha de vísceras, a utilização desse ingrediente em alimentos para cães e gatos colabora com a sustentabilidade.

O médico-veterinário de PremieRpet explica que, mais do que a ótima composição nutricional e palatabilidade, existe um impacto sustentável no uso do insumo.

“A farinha de vísceras é proveniente da indústria de abate. Dessa forma, ao invés dos produtos serem descartados, eles se tornam fonte de proteína de altíssimo valor biológico. Mais do que apresentar benefícios nutricionais, ela auxi-



lia na redução de emissão de gases do efeito estufa e evita o descarte de toneladas de subprodutos no meio ambiente”, esclarece.

Carla Maion, médica-veterinária pós-graduada em Nutrição de cães e gatos

Segundo a Associação Brasileira de Reciclagem Animal (ABRA), em 2025 a reciclagem animal gerou um PIB de R\$ 21,13 bilhões, processou 14,5 milhões toneladas de resíduos do abate de inspeção federal e produziu aproximadamente 6,2 milhões de toneladas de farinhas e gorduras de origem animal.

“Do ponto de vista econômico, transformamos resíduos que seriam passivos ambientais em insumos de alto valor agregado, reduzindo custos da cadeia de proteína animal e criando mercados de exportação para 91 países. Ambientalmente, evitamos que milhões de toneladas de matéria orgânica fossem parar em locais inadequados ou em aterros e até mesmo incineradoras — o que geraria poluição do solo, água e ar, bem como emissões massivas de metano, um dos gases mais impactantes para o clima. Considerando o histórico do setor, estima-se que até 2030 a reciclagem animal possa evitar até 45,57 milhões de toneladas de CO₂ equivalente, consolidando-se como uma das principais atividades de mitigação de emissões na cadeia da proteína animal”, comenta Pedro Bittar, presidente do Conselho Diretivo da ABRA.

Bittar relata, ainda, que as farinhas e gorduras de origem animal são ingredientes fundamentais para as indústrias de ração e pet food, tendo uma eficiência nutricional e custo-benefício muito



Pedro Bittar, presidente do Conselho Diretivo da Associação Brasileira de Reciclagem Animal (ABRA)

competitivos. “O Brasil é o segundo maior mercado mundial em volume de produção de alimento para

animais de estimação e a sofisticação das dietas pets, com foco em proteína de qualidade, palatabilidade e rastreabilidade de origem, favorece diretamente nosso setor. Em 2025, o pet food absorveu 16% de toda a produção da reciclagem animal brasileira”, diz.

Com base nisso, é importante ressaltar que, caso a farinha de vísceras de aves não fosse utilizada no pet food, o impacto ambiental poderia ser astronômico a longo prazo. “No final, a discussão mais importante não deveria ser se a ração contém farinha de vísceras ou não. A pergunta correta é: qual a qualidade dessa farinha, qual o controle realizado pela empresa e qual o desempenho nutricional do alimento final? É isso que realmente faz diferença para a saúde dos cães e gatos”, conclui Maion. ■

Flavio Lopes da Silva, médico-veterinário e gerente de relacionamento científico da PremieRpet



BESTMIX APOSTA EM TECNOLOGIA E GESTÃO DE DADOS PARA PET FOOD BRASILEIRO

MULTINACIONAL REFORÇA PRESENÇA NO PAÍS COM **SOFTWARES VOLTADOS À FORMULAÇÃO, CONTROLE DE QUALIDADE E GESTÃO DE FORNECEDORES** PARA A INDÚSTRIA

» DANIELLE ASSIS

danielle@dc7comunica.com.br

A multinacional Bestmix Software anunciou a sua chegada ao Brasil com uma equipe de vendas e suporte técnico em português. A empresa, que já possui presença consolidada na Europa, Estados Unidos e Ásia, aposta no mercado brasileiro de nutrição animal com soluções para à formulação de rações, controle de qualidade e gestão estratégica de dados.

Entre os destaques disponibilizados pela companhia estão dois softwares, já oferecidos no país: o Bestmix Recipe Management (BX4), software de formulação, e o Bestmix Quality Control (BX-QC) para gestão laboratorial, controle de qualidade e monitoramento de fornecedores.

Além deles, a empresa também oferece o SpecTrack, solução direcionada à gestão automatizada de fornecedores.

De acordo com Tiago Cruz, gerente de vendas LATAM da companhia, o principal diferencial da empresa está na capacidade de transformar dados em decisões mais rápidas e precisas para as fábricas.

“A gente acredita que mais do que formular, é importante ter alta gestão dos dados. Além da formulação, conseguimos oferecer ferramentas que auxiliam na tomada de decisão, garantem qualidade e reduzem riscos regulatórios”, afirma.

TECNOLOGIA DE PONTA. Aloizio Lopes, gerente de vendas LATAM da Bestmix, comenta que os softwares podem ser utilizados de forma integrada ou independente. Quando conectados, permitem que informações laboratoriais e análises de ingredientes sejam automaticamente incorporadas ao processo de formulação, tornando a produção mais eficiente. “O principal diferencial do nosso software de formulação, o BX4, é a ferramenta MULTBEND, que permi-

te otimizar todas as fórmulas de todas as plantas ao mesmo tempo. Essa ferramenta poderosa pode reduzir em até 0,5% o custo anual para a fábrica”, explica.

Outro ponto de destaque é a possibilidade de produção automática dos rótulos de todos os produtos e a integração direta com sistemas ERP, como SAP e TOTVS, facilitando o fluxo de informações entre os setores produtivos e administrativos.

Já o Quality Control chama atenção pela conexão com diferentes marcas de equipamentos Near Infrared Reflectance (NIR), tecnologia utilizada para análises rápidas de ingredientes. As informações coletadas são integradas automaticamente ao sistema de formulação.

Para completar, Tiago ressalta que os softwares da Bestmix recebem atualizações a cada nove semanas e contam com uma equipe de mais de 20 desenvolvedores dedicados ao aprimoramento contínuo das ferramentas.

“Há muito tempo se fala no mercado brasileiro sobre nutrição de precisão, porém essa precisão nem sempre é palpável. A nossa expectativa é conseguir trazer para o país uma gestão de dados eficiente e realizar a nutrição de precisão a partir de dados e tecnologias avançados”, finaliza. ■



Aloizio Lopes e Tiago Cruz no escritório da Bestmix na Bélgica

As soluções de software **mais avançadas** para as indústrias de alimentação humana, alimentação animal e pet food!

A confiança de fabricantes em todo o mundo para otimizar custos, qualidade e desempenho. Agora no Brasil.



Reduza custos e previna riscos



Otimize toda a sua cadeia de produção



Garanta produtos de maior qualidade

BESTMIX® Formulação e Multi-formulação Bestmix Quality Control, Experiência global. Agora apoiando a indústria brasileira.

Escaneie o QR Code para para saber mais.



O IMPACTO DA SOLTURA DE ANIMAIS EXOTICOS NA NATUREZA

▷ RAQUEL NAOMI TANAKA SCADUTO

Atualmente, a procura por pets não convencionais cresce de forma significativa. A diversidade de espécies disponíveis, aparência atraente, carisma e comportamento curioso desses animais contribui diretamente para o aumento desse interesse, tornando-os comuns dentro das residências.

Entretanto, muitos desses animais são exóticos, ou seja, não pertencem naturalmente à fauna brasileira. Isso significa que sua origem está em outros países ou ecossistemas, cuja aquisição irresponsável pode resultar em abandono ou soltura irregular na natureza, gerando sérios impactos ambientais.

É importante destacar que o conceito de animal exótico não se limita apenas a espécies vindas de outros países. No Brasil, existem animais nativos de determinados biomas e regiões, como Cerrado, Mata Atlântica, Amazônia e Caatinga, que também não devem ser introduzidos em ambientes diferentes de sua origem.

Nosso país possui uma das maiores diversidades de fauna do mundo, e qualquer interferência inadequada pode gerar consequências graves para o equilíbrio ambiental. Infelizmente, é comum que algumas pessoas adquiram animais sem compreender plenamente suas necessidades e comportamentos. Quando o mesmo cresce mais do que o esperado, produz barulho, exige cuidados específicos ou gera despesas, muitos acabam sendo abandonados ou soltos na natureza.

O que parece, para alguns, uma solu-

ção simples ou boa ação, pode acabar desencadeando impactos ecológicos graves.

Essa prática representa um dos principais riscos ao equilíbrio ambiental, causando diversos problemas, como extinção de espécies nativas, alteração da cadeia alimentar, transmissão de doenças, danos à saúde pública, prejuízos econômicos, entre outros impactos ambientais, além do sofrimento do próprio animal.

POR QUE ISSO IMPORTA? A soltura de animais exóticos em ambientes onde eles não deveriam existir pode causar desequilíbrios, em alguns casos, graves e irreversíveis. Essas espécies podem se reproduzir rapidamente, competir por alimento e território com animais nativos e provocar superpopulação em determinadas áreas.

Em outros casos, o próprio animal abandonado sofre uma morte lenta e dolorosa por não conseguir sobreviver fora de seu habitat adequado. Além disso, os impactos ecológicos vão muito além da presença física do mesmo. Espécies introduzidas irregularmente podem alterar cadeias alimentares, aumentar o predadorismo sobre espécies vulneráveis e interferir em processos naturais importantes, como a dispersão de sementes e o controle populacional.

Outro grande risco é a transmissão de doenças e parasitas, capazes de afetar tanto a fauna silvestre quanto animais domésticos e até seres humanos, impactando em atividades econômicas e até na saúde pública.



DANOS À SAÚDE PÚBLICA. A soltura de animais exóticos representa uma série de riscos à saúde pública, pois esses animais podem transmitir doenças graves, inclusive zoonoses. Podem abrigar vírus, bactérias e parasitas aos quais a fauna e a população humana local não possuem imunidade. Exemplos temos o pombo-doméstico, cujas fezes transmitem enfermidades graves, como criptococose e histoplasmose. Os fungos crescem nas fezes acumuladas e, quando inalados na forma de poeira, causam infecções respiratórias e neurológicas graves em humanos.

A introdução do javali no Brasil, além do dano agrícola, ampliou o risco de transmissão de doenças, como a peste suína clássica, febre aftosa e a leptospirose para animais domésticos e humanos.

Outro caso clássico mundial é o comércio e soltura de anfíbios exóticos (como a rã-touro), que disseminaram um fungo, contaminando populações de anfíbios nativos e alterando cadeias alimentares que controlam mosquitos vetores, consequentemente aumentando a dispersão de novos vetores transmitindo outras doenças.

Espécies invasoras de mosquitos também podem disseminar doenças como dengue, malária e zika. Pode acontecer, ainda, devido a soltura e manejo inadequado de répteis exóticos, a salmonelose. Esses animais frequentemente carregam a bactéria *Salmonella* em seu trato digestivo sem ficarem doentes, mas a transmitem para humanos pelo manejo ou contaminação da água.

Além disso, alguns animais podem mata-

car por defesa ou disputa territorial, transmitir doenças, causar acidentes em rodovias e até ferir pessoas e outros animais.

PREJUÍZOS ECONÔMICOS. Espécies invasoras podem afetar plantações, destruir lavouras, competir por nutrientes, atacar cultivos agrícolas e reduzir drasticamente a produtividade. Depois que uma espécie invasora se estabelece na natureza, sua erradicação se torna extremamente difícil e cara. Governos e instituições precisam investir continuamente em monitoramento, captura, barreiras de contenção, campanhas educativas e recuperação ambiental, levando a altos custos e consumindo recursos que poderiam ser destinados à conservação ambiental, saúde ou educação.

Diversos profissionais participam desse trabalho, como biólogos, veterinários, agentes ambientais, pesquisadores, fiscais e equipes de manejo treinadas para captura e contenção das espécies invasoras.

Aves invasoras em centros urbanos, como pombos e pardais, causam danos materiais severos ao patrimônio. As fezes ácidas corroem metais, tintas e concreto, causando degradação de fachadas, monumentos, telhados e até automóveis.

Já os ninhos entopem calhas e telhas, corroem telhados, danificam fiações e contaminam reservatórios de água e grãos. Isso gera altos custos de manutenção, limpeza e reparos.

CRIAÇÃO RESPONSÁVEL! A aquisição responsável de animais exóticos é fundamental para garantir o bem-estar dos mesmos e evitar impactos ambientais. Antes de adquirir um animal, é necessário conhecer suas necessidades específicas, como alimentação, manejo, comportamento e cuidados. Em sua maioria, exigem manejo especializado e podem viver por muitos anos, o responsável deve estar ciente desse compromisso.

O abandono ou a soltura nunca devem ser considerados como uma alternativa, pois além de colocarem o animal em risco, podem causar sérios desequilíbrios ambientais caso ele consiga sobreviver e se reproduzir na natureza.

Em situações em que o responsável não consiga mais manter o animal, o correto é procurar órgãos ambientais, centros de triagem ou instituições especializadas, que poderão oferecer a destinação adequada de forma segura e legal.

É TÃO GRAVE ASSIM?

A soltura de animais exóticos pode causar diversos problemas ambientais, sanitários e econômicos. Entre os principais impactos estão:

■ PREDÇÃO DA FAUNA LOCAL

Alguns animais exóticos se tornam predadores de aves, anfíbios, insetos e pequenos mamíferos nativos. Um exemplo é o peixe-leão, uma espécie desejada no aquarismo, porém considerada uma das invasoras mais perigosas do mundo. Atualmente, ele já infesta partes do litoral brasileiro, possui veneno em seus espinhos, o que reduz a presença de predadores naturais na região, alimenta-se vorazmente de peixes nativos, colocando em risco dezenas de espécies da fauna marinha brasileira e causando desequilíbrios ecológicos significativos;

■ ALTERAÇÃO DA CADEIA ALIMENTAR

Predadores exóticos podem caçar espécies locais sem defesa natural contra eles. Herbívoros invasores podem destruir vegetação nativa. Pequenas mudanças na cadeia alimentar afetam todo o ecossistema;

■ DESTRUIÇÃO DO HABITAT

Certas espécies modificam a vegetação, degradam solos e prejudicam áreas naturais ao cavar, roer ou consumir vegetação excessivamente. Como exemplo o javali-europeu, que se tornou uma espécie invasora, destrói vegetação, revira o solo, prejudica nascentes e ameaça diversas espécies brasileiras, causando destruição ambiental e prejuízos agrícolas;

■ REPRODUÇÃO DESCONTROLADA

Algumas espécies possuem alta capacidade reprodutiva e podem se espalhar rapidamente, tornando-se invasoras irreversíveis. Como exemplo o pombo-doméstico, que compete com aves nativas por alimento e abrigo. Possui alta capacidade reprodutiva e falta de predadores naturais, causando impactos ambientais, sanitários e econômicos, como acúmulo de fezes, transmissão de doenças e danos a construções e patrimônios públicos;

■ EXTINÇÃO DE ESPÉCIES NATIVAS

Em casos graves, a competição e a transmissão de doenças podem levar animais brasileiros à redução populacional ou extinção. De acordo com a Plataforma Intergo-

vernamental sobre Biodiversidade e Serviços Ecossistêmicos (IPBES), uma parcela significativa das extinções globais de plantas e animais está relacionada à invasão de espécies exóticas invasoras;

■ HIBRIDIZAÇÃO

Algumas espécies cruzam com animais nativos semelhantes, causando perda genética da fauna original. Como exemplo o sagui-de-tufo-branco e o sagui-de-tufo-preto, que foram levados para outras regiões através do tráfico e soltura de animais, cruzando com espécies locais e formando híbridos. Esse processo ameaça a conservação genética dos saguis nativos, podendo levar à perda de características naturais e ao declínio de populações silvestres originais, algumas ameaçadas de extinção e gerando poluição genética. Competem fortemente por recursos e predam ovos e filhotes de aves locais;

■ SOFRIMENTO DO PRÓPRIO ANIMAL SOLT

Animais criados em cativeiro, geralmente, não sabem sobreviver sozinhos na natureza, sofrendo com fome, estresse, doenças e ataques de predadores, clima e estresse intenso;

■ TRANSMISSÃO DE DOENÇAS

Muitos animais carregam fungos, vírus, bactérias e parasitas, que podem contaminar animais silvestres, domésticos e até seres humanos, sendo um problema na saúde pública. ■



Raquel Naomi Tanaka Scaduto, médica-veterinária mestre em animais selvagens pela Unesp de Botucatu. E-mail: na.tanaka@hotmail.com; Instagram: dranaomi.medvet

NUTRIÇÃO DE CÃES E GATOS EM DESTAQUE NO CBNA PET 2026

» **DANIELLE ASSIS**

danielle@dc7comunica.com.br

De 12 a 14 de maio, a cidade de São Paulo (SP) recebeu o XXV Congresso CBNA PET, um evento criado para abordar os principais aspectos da nutrição de cães e gatos, com foco na indústria de pet food.

No primeiro dia da programação, o destaque foi o IX Workshop sobre Nutrição e Nutrologia de Cães e Gatos, organizado pelo médico-veterinário Prof. Dr. Fabio Teixeira e a equipe da Sociedade Brasileira de Nutrição e Nutrologia de Cães e Gatos (SBNutriPet).

O tema central do workshop foi a nutrição felina. Dentre os assuntos abordados nas palestras estiveram a relação proteína, carboidrato e energia na formulação de dietas para gatos com doença renal crônica, ministrada pela médica-veterinária Kate Schoveller, da University of Guelph, e a relação entre hipercalcemia felina e doença renal crônica, apresentada pelo americano Dennis Jewell.

GLOSSÁRIO DE TERMINOLOGIAS EM NUTRIÇÃO VETERINÁRIA PET. Durante o workshop, a SBNutriPet lançou o primeiro Glossário de Terminologias em Nutrição Veterinária Pet, um documento técnico que visa padronizar os termos utilizados na nutrição de cães e gatos.

Segundo Fábio Teixeira, a ideia é que, tendo esse glossário e os termos estabelecidos, seja possível criar uma homogeneidade de fala e definir de forma clara o que são as nomenclaturas usadas pelos profissionais.

Para criar o documento foi realizado um levantamento interno com os membros da sociedade e depois com a comunidade científica e os associados. Em seguida, as definições foram estruturadas com base na Medicina e

na nutrição baseada em evidências e passaram por revisões técnicas internas e contribuições de especialistas externos, incluindo representantes do Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA).

Além de criar uma comunicação mais homogênea em toda a cadeia do setor pet, a iniciativa pretende servir de base para futuros materiais técnicos e apoiar o desenvolvimento de produtos, prescrições clínicas e discussões regulatórias.

FOCO NA INDÚSTRIA. A grade científica do CBNA PET 2026 contemplou temas que interessam não apenas os profissionais da área de nutrição, como também a indústria de pet food.

O engenheiro agrônomo e zoo-

tecnista Alderley Zani, por exemplo, apresentou a palestra “Indicadores de desempenho na fábrica de ração”. De acordo com o profissional, o monitoramento sistemático de métricas operacionais permite identificar gargalos, reduzir desperdícios e aumentar a rentabilidade da produção.

Também ressaltou que avanços aparentemente modestos nos indicadores podem representar ganhos financeiros significativos. “Demonstramos, com números e situações reais observadas ao longo dos anos, que um ganho de apenas 5% na eficiência pode representar cerca de R\$2 milhões por ano em uma empresa que produz dez mil toneladas por mês”, afirmou. ■





A prevenção no centro da nova Medicina Veterinária

A Medicina Veterinária já não pode ser organizada apenas a partir da doença instalada. Esse modelo, que durante muito tempo orientou a jornada de cuidado, vem sendo pressionado por uma realidade diferente.

Os pets vivem mais, os responsáveis por eles monitoram mais de perto as decisões clínicas e o setor opera em um ambiente que exige continuidade, previsibilidade e acompanhamento ao longo do tempo.

Nesse contexto, a prevenção deixa de ocupar um lugar complementar e assume papel central. Não apenas porque reduz a ocorrência de doenças evitáveis, mas porque qualifica a relação entre clínica e o responsável pelo animal, amplia a capacidade de intervenção precoce e sustenta uma rotina de cuidado mais consistente.

A agenda global de saúde animal já aponta nessa direção. A HealthforAnimals destaca que, em diferentes mercados, a maior longevidade dos pets está associada a fatores como vacinação, acesso mais frequente ao cuidado veterinário e melhor compreensão das necessidades dos animais por parte dos responsáveis.

Em alguns países, o aumento da expectativa de vida de cães e gatos chegou a 230%. Esse dado ajuda a consolidar uma leitura importante. Viver mais depende menos de resposta tardia e mais de monitoramento, regularidade e manejo preventivo.

Essa mudança tem impacto direto sobre a prática clínica. O atendimento deixa de se concentrar apenas em episódios agudos e passa a exigir uma rotina mais estruturada de acompanhamento.

Vacinação, controle de parasitas, avaliação periódica e identificação precoce de alterações clínicas deixam de ser etapas isoladas e passam a compor uma estratégia mais ampla de cuidado.

No Brasil, essa transição já aparece com clareza na rotina das clínicas. Da-

dos do Radar VET mostram que o atendimento clínico é o principal gerador de faturamento para 69% dos veterinários, enquanto a aplicação de vacinas aparece logo atrás, com 54% das menções.

Ao mesmo tempo, 66% dos profissionais afirmam possuir ou estar cursando especialização. O dado é relevante porque mostra que o cuidado preventivo não está à margem da operação. Ele já integra, de forma concreta, a prática veterinária e encontra um ambiente técnico mais preparado para jornadas contínuas de cuidado.

A mudança também pode ser observada do lado do responsável pelo animal. O Radar Pet já apontou um consumidor mais presente, que busca informação antes de

mento. Calendários vacinais incompletos, controle intermitente de parasitas e consultas adiadas seguem sendo entraves relevantes, mesmo em um cenário em que os benefícios da prevenção já são amplamente conhecidos.

Esse ponto ganha ainda mais peso quando se observa que muitos dos problemas mais frequentes na clínica não começam de forma evidente. A HealthforAnimals lembra que pulgas, carrapatos e vermes seguem entre as ameaças mais recorrentes à saúde dos pets e reforça que o controle adequado depende de continuidade, não de resposta eventual.

Em grande parte dos casos, quando o problema se torna visível, parte da oportunidade de prevenir já foi perdida.

Ao mesmo tempo, a prevenção redefine o papel do médico-veterinário. O profissional deixa de ser percebido apenas como referência para intervenção diante do quadro clínico e se consolida como agente central na construção de uma rotina de cuidado.

Isso exige escuta, clareza na recomendação, capacidade de alinhar expectativas e constância na relação com o responsável pelo pet. Em um ambiente marcado por excesso de informação e escolhas cada vez mais comparadas, esse papel se torna ainda mais estratégico.

A prevenção já é reconhecida como um dos caminhos mais consistentes para ampliar a longevidade, reduzir agravamentos e qualificar o cuidado. Ainda assim, ela continua sendo, em muitos contextos, tratada como apoio e não como eixo da prática.

Talvez a discussão mais importante daqui para frente não esteja em reafirmar seus benefícios, mas em entender por que, mesmo diante de tantos avanços, a lógica reativa ainda ocupa tanto espaço em um setor que já sabe que cuidar antes continua sendo a decisão mais consistente. ■

**EM ALGUNS
PAÍSES, O
AUMENTO DA
EXPECTATIVA DE
VIDA DE CÃES
E GATOS CHEGOU
A 230%**

decidir e acompanha com mais atenção questões relacionadas à saúde do animal.

Segundo o estudo, 55% recorrem à internet, a outros responsáveis por cães ou gatos ou à própria experiência antes de decidir sobre produtos e tratamentos. Isso cria um ambiente mais favorável à prevenção, mas também amplia a responsabilidade de quem orienta. Informação disponível nem sempre significa critério ou compreensão adequada do risco.

É justamente por isso que a prevenção não pode ser tratada como orientação pontual. Sua eficácia depende de regularidade, adesão e acompanha-



ESPECIALIDADES REUNIDAS EM UM SÓ LUGAR!

» DANIELLE ASSIS

danielle@dc7comunica.com.br

A 45ª edição do Congresso Brasileiro Anclivepa (CBA), realizada de 20 a 22 de maio no Centro de Convenções Goiânia, situado na cidade de Goiânia (GO), se consagrou, mais uma vez, como um dos maiores eventos da Medicina Veterinária.

Neste ano, os cerca de oito mil participantes diários realizaram uma imersão nas principais especialidades da rotina de atendimento de pequenos animais, através de palestras ministradas por aproximadamente 200 palestrantes, entre eles nacionais e internacionais.

Em salas com nomes tradicionalmente goianos, foram abordados temas atuais e de elevada importância da rotina dos médicos-veterinários.

Na sala de Oncologia Clínica, por exemplo, estiveram palestras a respeito de neoplasias mamárias, de adrenal e perianal. Na Dermatologia, os participantes aprenderam sobre a correlação entre disbiose intestinal e dermatite atópica, desafios dos pólipos aurais inflamatórios em felinos, os desdobramentos do tímpano queratoma e o diagnóstico da dermatite atópica.

A sala de felinos, por sua vez, foi uma das mais cheias e contou com pa-

lestrantes de renome, abordando quadros clínicos recorrentes no atendimento de gatos. Entre eles, peritonite infecciosa felina (PIF), efusão pleural e quadros neurológicos em gatos.

Deixando um pouco de lado a prática clínica, o CBA Goiânia incluiu em sua programação palestras que envolvem diretamente o dia a dia dos médicos-veterinários. O marketing para profissionais da área foi um dos destaques e durante as apresentações foram fornecidas dicas para o desenvolvimento de ações publicitárias sem interferir na ética e nas diretrizes do conselho.

Para complementar, a colunista do Guia Jurídico da Revista Cães&Gatos, Ana Paula Falcão de Moura Gierlich, marcou sua presença no congresso explicando sobre a importância de um prontuário correto e como reduzir os riscos jurídicos na Medicina Veterinária.

CFMV ACOMPANHOU O CONGRESSO. O Conselho Federal de Medicina Veterinária (CFMV) esteve presente no 45º CBA não apenas como apoiador institucional, mas também com um lounge exclusivo.

Durante a cobertura do evento, a equipe Cães&Gatos aproveitou a oportunidade

de para conversar com o vice-presidente do CFMV, Rômulo Cezar Spinelli Ribeiro Miranda, sobre os principais avanços da Medicina Veterinária e Zootecnia.

De acordo com o profissional, os destaques do setor no momento é o projeto que criminaliza o exercício ilegal da Medicina Veterinária. “Esse é um grande avanço, pois poderemos punir aquele que faz o exercício ilegal da nossa profissão”, afirmou. Rômulo também comentou sobre a relevância do projeto que cria o exame de proficiência para graduandos em Medicina Veterinária, que está em tramitação no Senado, e a criação da caixa de assistência para médicos-veterinários e zootecnistas.

Nas redes sociais da **Cães&Gatos** e em nosso portal você confere a entrevista completa! ■

Rômulo Cezar Spinelli Ribeiro Miranda,
vice-presidente do CFMV





Os pets precisam de suplementos como os humanos?

COAUTORA: ANA PURCHIO

Essa pergunta eu tenho me feito ao observar os pets que estão ao meu redor sempre! E, sim, eles precisam ao avançar da idade e com a ajuda de um veterinário fazer uso de suplementos.

Hoje, nossos animais de estimação estão vivendo mais e essa busca por longevidade e prevenção nos deixa com muitas dúvidas. Os suplementos e medicamentos manipulados na rotina veterinária têm realmente necessidade de uso? E como fica a segurança nesses tratamentos?

Importante, ao lermos qualquer dica nas redes sociais e em grupos de vendas no WhatsApp, sempre verificar com os veterinários se é saudável e necessário ou não ministrar esses medicamentos e suplementos na rotina diária dos nossos amigos peludos.

Sempre é recomendável procurar orientação em mídias especializadas como a Cães&Gatos. Alguns questionamentos devem ser levados às consultas ao veterinário para garantir a saúde e a eficácia das terapias personalizadas.

Como, por exemplo, a necessidade real. Ou seja, a indicação de um suplemento deve se basear em fatores específicos, como idade, raça, rotina, alimentação e histórico clínico, e não apenas no produto em si.

Também na fiscalização da farmácia: por lei, as farmácias de manipula-

ção veterinária precisam exibir a licença do MAPA visível na recepção, sendo este o primeiro sinal de confiabilidade.

Ainda sobre a vantagem do manipulado: a escolha por fórmulas manipuladas justifica-se pela personalização, permitindo ajustar dosagens inexistentes no mercado industrializado ou alterar a forma farmacêutica para facilitar a aceitação do pet.

E por fim, o perigo da automedicação: o uso de suplementos e produtos naturais por conta própria pode causar interações medicamentosas graves, anular a eficácia de tratamentos contínuos e sobrecarregar órgãos como rins e fígado.

Essas dicas são fundamentais para que os nossos animais de estimação permaneçam ao nosso lado mais saudáveis e sem riscos de intoxicação. Longevidade aos nossos amigos! ■

A INDICAÇÃO DE UM SUPLEMENTO DEVE SE BASEAR EM FATORES ESPECÍFICOS, COMO IDADE, RAÇA, ROTINA, ALIMENTAÇÃO E HISTÓRICO CLÍNICO, E NÃO APENAS NO PRODUTO EM SI

José Luiz Tejon é doutor em Educação pela Universidad de La Empresa/Uruguai, mestre em Educação Arte e História da Cultura pela Universidade Mackenzie, jornalista e publicitário, com especializações em Harvard, MIT e PACE/USA e Insead na França. Colunista da Rádio Eldorado e Estadão On-line, autor e coautor de 35 livros. Coordenador acadêmico de Master Science Food & Agribusiness Management pela Audencia em Nantes/França e FECAP/Brasil. Professor convidado na FGV In Company, FIA/USP e INSPER. Sócio Diretor da Biomarketing e da TCA International. Ex-diretor do Grupo Estadão, da Agrocere e da Jacto S/A.

Ana Purchio é jornalista, pós-graduada em mídias sociais pelo Senac e cursando Psicologia. Trabalhou no jornal O Estado de S. Paulo, na Agência Estado, na Associação Brasileira de Agronegócio (ABAG) e atualmente é assessora de imprensa da TCA Internacional e Assessora de Comunicação da Convergência Comunicação Estratégica.

■ IMPASSE NA CÂMARA DOS DEPUTADOS

NOVO PISO SALARIAL EM ESPERA

APÓS A Comissão de Direitos Humanos aprovar no mês de abril uma sugestão legislativa (SUG 2/2026) para estabelecer o piso salarial nacional de R\$7.800,00 para médicos-veterinários, o projeto teve sua votação adiada.

O PL nº 1.748/2022, relatado pelo deputado André Figueiredo, recebeu um pedido de vista protocolado pelo deputado federal Kim Kataguiuri, postergando a análise da proposta no Congresso Nacional.

Para tentar reverter o quadro, a deputada Alice Portugal solicitou que o parlamentar reconsiderasse sua posição, dando destaque para a importância do projeto na valorização profissional da categoria. Contudo, o pedido não foi acatado. Devido ao pedido de vista, a proposta volta para a pauta da comissão após o prazo regimental.

Segundo o presidente do Conselho Regional de Medicina Veterinária do Rio de Janeiro (CRMV-RJ), Diogo Alves, por mais que o pedido de vista seja um instrumento legal e previsto no regimento da Câmara, existe a preocupação quanto aos impactos do adiamento para os profissionais da área.

“Apesar de pedir vista a um Projeto de Lei (PL) ser um instrumento totalmente legal e regimental, utilizado pelos parlamentares para suspender temporariamente a votação de uma matéria e garantir mais tempo para analisar o seu conteúdo antes de tomar uma decisão, tememos que, com as paralisações do meio do ano e as eleições de outubro, esse importante PL só possa ser apreciado e aprovado no ano que vem, impactando a vida de milhares de médicos-veterinários”, afirmou. ■





Ajuda a manter
a barreira cutânea
saudável por até
2 meses



Quando o assunto é pele sensível...

Atopivet® é a primeira coleira dermatológica para cães e gatos no Brasil.

Uma tecnologia vestível com **Biosfeen** e matriz TPU*, que libera lipídeos essenciais de forma contínua, promovendo hidratação e suporte à barreira cutânea.

Atopivet® Tecnologia sentida na pele

*Matriz de Poliuretano Termoplástico
Adaptável para cães e gatos de todos os portes (35 e 75 cm).
Resistente à água e compatível com outras coleiras.
Trava de segurança anti-enforcamento para gatos (apresentação 35 cm).


Dechra

geração ZEN

+ DE 2 MILHÕES
DE CÃES TRATADOS.

+ DE 2 MILHÕES
DE HISTÓRIAS
TRANSFORMADAS.

+ DE 2 MILHÕES
DE MOTIVOS
PARA ACREDITAR.



ALIADOS DA DERMATOLOGIA ELANCO

NA ELANCO, INOVAÇÃO É **SINÔNIMO DE BEM-ESTAR.**

Por isso, reúne ciência, tecnologia e inovação para oferecer soluções que devolvem o conforto, a tranquilidade e o brilho para o seu paciente.



Acesse:
ElancoVets
.com.br

Acesse o portfólio completo pelo QR Code para saber mais.